



**Rosália Cristiana
Gonçalves da
Rocha**

**FUNCIONAMENTO FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**

Famílias Nucleares com Dois Filhos

**FAMILY FUNCTIONING AND LANGUAGE DEVELOPMENT
IN PRE-SCHOOL AGED CHILDREN**

Nuclear Families with Two Children



**Rosália Cristiana
Gonçalves da
Rocha**

**FUNCIONAMENTO FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**

Famílias Nucleares com Dois Filhos

**FAMILY FUNCTIONING AND LANGUAGE DEVELOPMENT IN PRE-
SCHOOL AGED CHILDREN**

Nuclear Families with Two Children

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terapia da Fala, realizada sob a orientação científica da Doutora Daniela Maria Pias de Figueiredo, Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro e coorientação científica da Doutora Marisa Lobo Lousada, Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã, por sempre acreditarem em mim, por apostarem no meu percurso acadêmico e acima de tudo, por serem a minha força e a minha inspiração.

“É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”

Los Hermanos

O júri

Presidente

Professora Doutora Catarina Alexandra Monteiro de Oliveira
Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Vogal

Professora Doutora Susana Maria Capitão da Silva
Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto

Vogal

Professora Doutora Daniela Maria Pias de Figueiredo
Professora Coordenadora da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe.”

Clarice Lispector

Não podia estar mais de acordo com esta citação. Adequa-se na íntegra ao processo envolvido ao longo de todo este projeto.

É certo que este trabalho exigiu muito esforço e empenho da minha parte, contudo, o resultado final também se deveu em larga medida a imensas pessoas que me acompanharam ao longo de todo o processo.

Quero deixar o meu sincero agradecimento a todas essas pessoas que estiveram comigo, em algum momento, ou em todos.

Agradeço ainda aos que me deram motivação e acreditaram sempre nas minhas potencialidades e que também são muito importantes para mim.

- Começo por agradecer de forma especial à minha orientadora, Professora Doutora Daniela Figueiredo, e à minha coorientadora, Professora Doutora Marisa Lousada, não só por todo o excelente acompanhamento, orientações, disponibilidade, esclarecimentos e sugestões realizadas, como também por todas as palavras de apoio e conforto constantes. Foram, de facto, incansáveis!

- Aos meus pais, por todos os valores que me transmitiram e por serem um absoluto apoio no meu percurso académico.

- À minha irmã, Patrícia, por ser um exemplo e uma inspiração para mim e por me fazer ver sempre o copo “meio cheio”.

- Ao Fábio, por me fazer acreditar que sou capaz de tudo e por ser o primeiro a ouvir as minhas angústias e as minhas alegrias. Acima de tudo, obrigada pelo amor e pela paciência.

Agradecimentos (cont.)

- Aos meus amigos mais próximos, por serem o meu “porto de abrigo” e me tranquilizarem nos momentos difíceis.
- Às minhas colegas e amigas, Patrícia e Carina, pelo constante desabafo e por sermos uma verdadeira equipa.
- À Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro que tornou possível a realização deste trabalho.
- Ao Professor Pedro Sá Couto, pela ajuda na análise estatística.
- A todas as instituições (diretores, educadores, funcionários ...) que colaboraram no estudo, mesmo perante as circunstâncias em que vivemos.
- À Doutora Marta Vidinha, pela forma tão prestável como aceitou colaborar no estudo e pela forma como organizou toda a instituição para que as recolhas funcionassem da melhor forma possível.
- Por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os participantes (pais e crianças), por não só aceitarem colaborar e dispensarem o seu tempo, tornando esta investigação possível, como também por divulgarem o estudo com outros colegas para ajudar a aumentar a amostra.

A todos e em especial a cada um,

O meu caloroso abraço com enorme carinho!

Palavras-chave

Linguagem; Desenvolvimento da Linguagem na Criança; Pré-Escolar; Famílias; Família Nuclear Tradicional; Funcionamento Familiar; Papel da Família

Resumo

Enquadramento: A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Contudo, são escassos os estudos acerca da influência do funcionamento familiar no desenvolvimento linguístico das crianças, não se conhecendo estudos desta relação no desenvolvimento típico.

Objetivos: Analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar, em famílias nucleares com dois filhos.

Métodos: Estudo exploratório com desenho transversal, de tipo descritivo-correlacional. A amostra é constituída por 110 díades crianças/familiar. Os instrumentos de recolha de dados foram: questionário sociodemográfico, TL-ALPE e versão portuguesa da FACES-IV. Os resultados foram analisados com recurso à estatística descritiva e inferencial.

Resultados: Na amostra (n=110), a maioria dos adultos é do género feminino (n=105; 95,5%), com uma média etária de 36,35±3,81 anos. 50,9% (n=56) das crianças são do género feminino e a média de idades é 55,20±10,83 meses.

Os resultados evidenciam uma pontuação média de 102,67±11,18 na Expressão Verbal Oral (EVO) e 106,12±11,06 na Compreensão Auditiva (CA) no TL-APLE.

Na FACES-IV, especificamente nas Escalas Equilibradas de Coesão e Flexibilidade, as famílias oscilaram entre *coesas* (n=19; 17,3%) / *flexíveis* (n=52; 47,3%) e *muito coesas* (n=91; 82,7%) / *muito flexíveis* (n=58; 52,7%). Nas Escalas Desequilibradas, o nível de desligamento foi maioritariamente *muito baixo* (n=104; 94,5%); quanto ao nível de interligação emaranhada, variou sobretudo entre *muito baixo* (n=54; 49,1%) e *baixo* (n=48; 43,6%); quanto ao nível de rigidez, oscilou essencialmente entre *muito baixo* (n=23; 20,9%), *baixo* (n=53; 48,2%) e *moderado* (n=29; 26,4%); quanto ao nível de relação caótica, variou principalmente entre *muito baixo* (n=87; 79,1%) e *baixo* (n=20; 18,2%).

Verificou-se que crianças com um funcionamento familiar mais coeso e com uma boa comunicação familiar pontuam mais alto na EVO e na CA e ainda que crianças com um funcionamento familiar mais rígido pontuam mais baixo na CA.

Conclusão: Os resultados sugerem alguma relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem, contudo, são necessários mais estudos com famílias com diferentes tipos de funcionamento, incluindo as desequilibradas/difuncionais, para analisar a extensão destes resultados. Além disso, é importante analisar o papel de outras variáveis que possam moderar a relação entre o funcionamento familiar e os resultados linguísticos das crianças.

Keywords

Language; Linguistics development; Pre-school; Families; Family; Family functioning; Family role

Abstract

Background: Families play a fundamental role in childhood development. However, there are few studies on the influence of family functioning on children's linguistic development. Thus, studies on this relationship in normal development are not known.

Objectives: To analyse family functioning and language development in preschool-age children in nuclear families with two children.

Methods: Exploratory study with a cross-sectional design, descriptive-correlational type. The sample consists of 110 child/family dyads. The data collection instruments were: sociodemographic questionnaire, TL-ALPE and Portuguese version of FACES-IV. The results were analyzed using descriptive and inferential statistics.

Results: In the sample (n=110), most adults are female (n=105; 95.5%), with a mean age of 36.35 ± 3.81 years. 50.9% (n=56) of the children are female, and the average age is 55.20 ± 10.83 months.

The results show an average score of 102.67 ± 11.18 in Oral Verbal Expression (OVE) and 106.12 ± 11.06 in Listening Comprehension (LC) in the TL-APPLE.

In FACES-IV, specifically in the Balanced Cohesion and Flexibility Scales, families ranged between cohesive (n=19; 17.3%) / flexible (n=52; 47.3%) and very cohesive (n=91; 82.7%) / very flexible (n=58; 52.7%). In the Unbalanced Scales, the level of disconnection was mostly very low (n=104; 94.5%); as for the level of tangled interconnection, it varied mainly between very low (n=54; 49.1%) and low (n=48; 43.6%); as for the level of stiffness, it ranged essentially between very low (n=23; 20.9%), low (n=53; 48.2%) and moderate (n=29; 26.4%); as for the level of chaotic relationship, it ranged mainly between very low (n=87; 79.1%) and low (n=20; 18.2%).

The results suggested that children with more cohesive family functioning and good family communication score higher on OVE and LC. Children with a more rigid family functioning scored lower on Listening Comprehension.

Conclusion: The current findings suggest a relationship between family functioning and language development. However, studies with families with different types of functioning, including unbalanced/dysfunctional ones, are needed to analyze the extent of the results. In addition, it will be important to explore the moderate role of other variables between family functioning and children's linguistic results.

Abreviaturas e/ou Siglas

CA – Compreensão Auditiva

EVO – Expressão Verbal Oral

FACES-IV – *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV*

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

PE – Português Europeu

SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

TL-ALPE – Teste de Linguagem - Avaliação de Linguagem Pré-Escolar

UICISA: E – Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem

Índice

Introdução	1
Capítulo 1: Enquadramento Teórico	3
1.1. Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem	3
1.1.1. A Linguagem – Conceptualização.....	3
1.1.2. Desenvolvimento da Linguagem em Crianças em Idade Pré-Escolar.....	3
1.1.3. Fatores que influenciam e promovem o desenvolvimento da linguagem	5
1.2. A Família como Sistema	6
1.2.1. Ciclo Vital da Família.....	7
1.2.2. Modelo Circumplexo e Funcionamento Familiar	9
1.2.3. Caracterização de Família Nuclear Tradicional	11
1.3. O Papel da Família no Desenvolvimento da Criança	12
1.3.1. Influência do Ambiente e Apoio Familiar.....	12
1.3.2. Relação entre o Funcionamento Familiar e o Desenvolvimento da Linguagem da Criança.....	13
Capítulo 2: Objetivos do Estudo	15
Capítulo 3: Metodologia	17
3.1. Tipo e Desenho de Estudo.....	17
3.2. População e Amostra	17
3.3. Procedimentos para Recolha de Dados e Considerações Éticas	18
3.4. Instrumentos de Recolha de Dados	19
3.4.1. Questionário Sociodemográfico	19
3.4.2. Teste de Linguagem - Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE).....	20
3.4.3. <i>Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV)</i>	21
3.5. Procedimentos para Tratamento e Análise de Dados	23
Capítulo 4: Resultados	25
4.1. Análise Descritiva	25
4.1.1. Caracterização Sociodemográfica	25
4.1.2. Resultados no TL-ALPE	27
4.1.3. Resultados na FACES-IV	27
4.2. Análise Inferencial	29

4.2.1. Comparação de médias entre dois grupos	29
Capítulo 5: Discussão	33
5.1. Limitações do Estudo	35
5.2. Sugestões para Estudos Futuros	36
Capítulo 6: Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39
Apêndices	45
Apêndice 1 – Declaração entregue às Instituições	45
Anexos	47
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	47
Anexo 2 – Tabelas de Cotação da FACES-IV	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grelha de Cotação da FACES-IV (Olson, 2010, 2011).....	21
Tabela 2: Caracterização Sociodemográfica do Adulto e da Família	25
Tabela 3: Caracterização Sociodemográfica da Criança Avaliada	26
Tabela 4: Resultados do TL-ALPE	27
Tabela 5: Resultados da FACES-IV – Pontuações das Escalas Equilibradas de Coesão e Flexibilidade e das Escalas Desequilibradas de Desligamento, Emaranhada, Rigidez e Caótica..	28
Tabela 6: Resultados da FACES-IV – Pontuações das Escalas de Comunicação e Satisfação Familiar.....	29
Tabela 7: Médias na comparação entre a cotação estandardizada do TL-ALPE e as subescalas da FACES-IV (Coesão e Comunicação).....	30
Tabela 8: Médias na comparação entre a cotação estandardizada da Compreensão Auditiva do TL-ALPE e a subescala da FACES-IV (Rigidez).....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico de Conversão de Percentil - Escalas Equilibradas	48
Figura 2: Gráfico de Conversão de Percentil - Escalas Desequilibradas	48
Figura 3: Comunicação Familiar – Interpretação das Pontuações	49
Figura 4: Satisfação Familiar – Interpretação das Pontuações	49

Introdução

O estudo desenvolvido surge da necessidade de obter mais informação relativamente à possível influência e impacto que o funcionamento familiar tem no desenvolvimento global da criança e, mais especificamente, no desenvolvimento da sua linguagem, uma vez que os estudos nesta área são escassos. Do que se sabe, não existe ainda nenhum estudo que aborde este tema em famílias nucleares tradicionais, que constituem o tipo de família mais comum.

Neste sentido, é essencial estudar a forma como o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem da criança se relacionam para equacionar formas inovadoras de intervenção que considerem a família como sistema.

A linguagem é uma capacidade específica da espécie humana que permite manifestar pensamentos e comunicar através de um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados (Sim-Sim, 2017). A primeira fase do desenvolvimento linguístico da criança ocorre desde o nascimento até à sua entrada na idade escolar, revelando-se assim a fase mais importante (Rigolet, 2000).

A aquisição e desenvolvimento da linguagem dependem de diversos fatores genéticos e ambientais, contudo, um dos mais essenciais é o contexto familiar.

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança desde os seus primeiros dias de vida (Papalia, Feldman, & Olds, 2001). O contexto familiar é um dos principais responsáveis não só pela aquisição e desenvolvimento da linguagem, como também pelos resultados que daí advêm no que respeita ao sucesso escolar, profissional e mesmo social (Silva, 2014).

Num ambiente estimulante e facilitador, a complexidade da linguagem da criança desenvolver-se-á de uma forma natural, respeitando o seu próprio ritmo (Scopel, Souza, & Lemos, 2012).

Neste trabalho será abordada a família nuclear tradicional com dois filhos, que é constituída por um homem e uma mulher, casados, que coabitam na mesma casa e geraram pelo menos um filho. Estas famílias representam o tipo de família mais comum (Carnut & Faquim, 2014).

Este estudo insere-se no âmbito de um projeto mais alargado que procura analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem com várias configurações familiares.

A dissertação encontra-se estruturada em duas partes. A primeira dedicada ao enquadramento teórico e a segunda centrada no estudo empírico. O enquadramento teórico introduz o tema, com enfoque naquilo que é a aquisição e o desenvolvimento típico da linguagem na criança, os fatores que podem influenciar esse desenvolvimento, uma abordagem à constituição da família e ainda os vários estilos parentais existentes e a influência que os mesmos poderão ter na criança. O estudo empírico inclui então os objetivos, a metodologia detalhada, os resultados e a sua discussão, finalizando com as principais conclusões do estudo.

Capítulo 1: Enquadramento Teórico

1.1. Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem

A aquisição da linguagem é uma das aquisições mais extraordinárias dos primeiros anos de vida. Esta é uma capacidade inerente ao ser humano, independentemente da sua etnia, cultura ou grupo social (Sim-Sim, 1998). Segundo Chomsky (2006, p. 88), “quando estudamos a linguagem, estamos a abordar algo que alguns chamam de ‘essência humana’, as qualidades singulares da mente que são, até onde sabemos, únicas do homem”.

Um adequado desenvolvimento da linguagem é um dos principais fatores para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma harmoniosa em todos os seus domínios, quer do ponto de vista social, relacional ou de aprendizagem formal. É um processo progressivo, diferente e específico de cada criança (Mousinho et al., 2008).

1.1.1. A Linguagem – Conceptualização

A linguagem é uma capacidade específica da espécie humana que permite manifestar pensamentos e comunicar através de um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados (Sim-Sim, 2017). A aquisição e o uso da linguagem são determinados pela intervenção de fatores biológicos, cognitivos, psicossociais e ambientais (Bloom & Lahey, 2016; Owens, 2012; Puyuelo & Rondal, 2007).

A criança começa por conhecer os sons da sua língua materna, passando para a produção das primeiras palavras e futuramente a construção de frases (Marques, 2016).

Estabelece-se como um código onde as palavras e as suas combinações são utilizadas para representar objetos, acontecimentos, relações entre objetos e relações entre acontecimentos (Puyuelo & Rondal, 2007).

A aquisição da linguagem implica a apreensão de normas específicas, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao uso. A forma abrange a fonologia (sons e respetivas combinações), morfologia (formação e estrutura interna das palavras) e sintaxe (organização das palavras em frases). O conteúdo inclui a semântica (significado das palavras e interpretação das combinações de palavras). Finalmente o uso abarca a pragmática (adequação ao contexto de comunicação) (Owens, 2012; Sim-Sim, 1998).

1.1.2. Desenvolvimento da Linguagem em Crianças em Idade Pré-Escolar

Ao longo do desenvolvimento da linguagem, existem diferenças individuais, tanto no que respeita ao processo de aquisição como à qualidade e rapidez da mesma. A primeira fase do desenvolvimento linguístico da criança ocorre entre o primeiro e o sexto ano de vida (antes da sua entrada na idade escolar) e revela-se então a fase mais importante (Rigolet, 2000).

Durante o primeiro ano de vida, a criança apresenta um discurso pré-linguístico que incluiu o choro, balbucio e imitação dos sons da língua. Ainda antes da primeira palavra, os bebés utilizam gestos, como o apontar, gestos sociais convencionais, gestos representacionais e

gestos simbólicos. O discurso linguístico inicia com a primeira palavra, geralmente holofrase. As primeiras palavras da criança habitualmente são influenciadas pelo contexto social e pelas características das figuras parentais. Entre os 18 e os 24 meses, passam a um discurso telegráfico, composto por frases curtas (Papalia et al., 2001). Já usam mais de cinquenta palavras, começam a combinar duas palavras numa frase e conhecem a função de alguns objetos simples (por exemplo, colher e pente) (Rombert, 2015).

Por volta dos dois anos, ocorre um “*boom linguístico*”, onde a criança passa de uma média de cinquenta para trezentas palavras (Rombert, 2015). Já é capaz de manter um tópico de conversação com alguns turnos, iniciar um tema novo, mudar de tema e expressar conceitos imaginativos sobre os seus sentimentos (Puyuelo & Rondal, 2007).

Inicia então o período pré-escolar, entre os três e os seis anos de idade, período em que a criança adquire inúmeras competências. Aos três anos, a criança já faz frases de três a quatro palavras, participa em longos diálogos e mantém uma conversa coesa (Puyuelo & Rondal, 2007). Nesta fase, a gramática e a sintaxe já estão bastante desenvolvidas, embora ainda com alguma imaturidade. Já usa o pretérito perfeito e diferencia os pronomes “eu”, “tu” e “nós” (Papalia et al., 2001). É nesta altura que ocorre o aparecimento dos “porquês”, a criança torna-se mais curiosa e sente necessidade de explorar e descobrir o mundo (Rigolet, 2000; Rombert, 2015).

Ao nível semântico, o verbo começa a ser utilizado mais vezes. Os adjetivos e os advérbios passam também a ser utilizados de forma frequente, predominando adjetivos como “bom”, “grande”, “pequeno”, “lindo”, “bonito”, feio” e “mau” e advérbios como “cá”, “aqui”, “ali”, “bem”, “depressa”, “sim” e “não”. Desta forma, nesta idade os enunciados passam a ter mais palavras e a exprimir mais relações semânticas dentro do mesmo enunciado (Rigolet, 2000).

Entre os quatro e os cinco anos, a criança usa frases complexas, narra acontecimentos passados e junta duas ideias numa só frase. Além disso, começa a utilizar mais a imaginação e a descrever características e funções mais específicas de cada objeto (Rombert, 2015). Usa também preposições como “em cima”, “em baixo”, “sobre”, “dentro” e “atrás” (Papalia et al., 2001).

Por volta dos cinco anos, muitas crianças são capazes de utilizar a linguagem com o objetivo de interagir socialmente, chamar a atenção, iniciar e manter vários temas, fornecer informação adequada ao interlocutor caso este peça esclarecimentos, expressar sentimentos e emoções, usar deícticos como “isto”, “aquilo”, “aqui”, “ali” e falar consigo próprio (Puyuelo & Rondal, 2007). A criança desenvolve a sua capacidade de memória e de atenção, sendo capaz de contar uma história pela ordem correta dos acontecimentos, aguarda pela sua vez de falar e faz observações inerentes ao tema (Rombert, 2015). Usa mais preposições, conjunções e artigos (Papalia et al., 2001).

Aos seis anos, a criança apresenta um nível linguístico bem desenvolvido ao nível da expressão e da compreensão, contudo, a aquisição da linguagem não está completa, uma vez que esta se mantém durante idade adulta. Gramaticalmente, já conseguem utilizar advérbios e conjunções e compreender algumas frases passivas (embora não sejam usualmente produzidas) (Puyuelo & Rondal, 2007).

No que diz respeito à aquisição fonética-fonológica de uma língua, esta ocorre aproximadamente até aos 6 anos para o Português Europeu (PE), momento em que a criança completa o seu inventário fonético (Charrua, 2015; Mendes et al., 2009; Sim-Sim, 1998).

1.1.3. Fatores que influenciam e promovem o desenvolvimento da linguagem

O desenvolvimento da linguagem é influenciado por fatores intrínsecos e extrínsecos, isto é, por fatores genéticos e por fatores ambientais presentes no meio em que a criança está envolvida, nomeadamente a escola e a família. Por vezes, é difícil dissociar as contribuições relativas à genética e ao ambiente e, por isso, frequentemente ambos são analisados em conjunto (Scopel et al., 2012).

Quanto aos fatores genéticos, alguns estudos referem que o histórico de perturbações da linguagem na família influencia diretamente a criança, ou seja, é comum que crianças que apresentam uma perturbação da linguagem possuam pelo menos um familiar que também teve uma alteração similar à sua, na infância (Bishop et al., 2017). O sexo da criança é também um fator relevante, uma vez que as perturbações de linguagem são mais prevalentes nos meninos do que nas meninas (Scopel et al., 2012).

Por outro lado, o meio em que a criança se insere é fundamental para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, uma vez que sem essa influência, as competências genéticas para a aquisição da linguagem não seriam desenvolvidas. O meio no qual a criança se desenvolve é essencial devido aos contactos e experiências que este proporciona. Quando o ambiente é estimulante e facilitador, a linguagem desenvolve-se de uma forma natural (Scopel et al., 2012; Silva, 2014).

Alguns estudos mostram a influência de fatores de risco no desenvolvimento da linguagem da criança: 1) crianças prematuras e com baixo peso ao nascimento apresentam um vocabulário expressivo inferior, exibindo um atraso no desenvolvimento da linguagem; 2) a presença de irmãos, ou seja, as crianças que coabitam com um número reduzido de irmãos usufruem mais da qualidade da estimulação do ambiente familiar; 3) o nível de habilitações literárias dos pais, ou seja, quanto maior for o grau de escolaridade dos pais, maior é o estímulo que os pais lhes fornecem e melhor é o desenvolvimento da linguagem da criança, o que enfatiza a importância do nível de escolaridade dos pais na promoção do desenvolvimento infantil; 4) o nível sociocultural e económico da família, isto é, as crianças pertencentes a famílias que apresentem um nível sociocultural e económico médio e alto recebem habitualmente mais experiências linguísticas, uma vez que são frequentemente mais expostos a uma maior variedade de palavras (aumentam o vocabulário, aprendem a brincar com as palavras e a descobrir as relações entre elas), contudo, no que respeita às famílias desfavorecidas, o meio não proporciona estímulos linguísticos tão variados (Scopel et al., 2012; Silva, 2014).

Um dos ambientes que mais influencia o desenvolvimento da criança é a escola, onde são estimulados e aprofundados todos os conhecimentos. Trata-se de um indicador importante devido à quantidade de tempo que as crianças permanecem nesse ambiente. Neste contexto,

foram apontados como fatores significativos a escolaridade dos professores e o tamanho do grupo de crianças na sala de aula, isto é, quanto menor for o grau de escolaridade dos professores e quanto maior for o número de alunos na sala, pior é a qualidade do estímulo fornecido à criança para promover o desenvolvimento da linguagem (Scopel et al., 2012). O professor não só é uma referência para a criança no que diz respeito à aquisição da linguagem, como também tem um papel importante na identificação precoce de quaisquer dificuldades. Esta detecção precoce é determinante para que a criança seja avaliada e encaminhada atempadamente para os devidos especialistas (Silva, 2014).

Tal como foi supramencionado, um dos principais estimuladores do desenvolvimento da linguagem é a família e, por isso, será esse o enfoque seguinte.

1.2. A Família como Sistema

São vários os conceitos encontrados para “família”. Alguns autores focam-se mais no tipo de laços que os membros estabelecem entre si e outros na relevância que a família representa na vida da pessoa.

McDaniel, Campbell e Seaburn (2003), definem “família” como um grupo de pessoas com ligação biológica, emocional ou legal. Caniço (2014), defende que a família é constituída por laços de sangue e, sobretudo, por laços afetivos. O apoio mais importante que a família fornece é o apoio emocional.

É a família que delimita as primeiras relações sociais e as primeiras aprendizagens que a criança concretiza acerca das pessoas e das capacidades individuais, aquisições estas que exercem uma grande influência na construção da personalidade do indivíduo (Rebelo, 2008).

Desta forma, a família é então considerada o contexto mais essencial para o desenvolvimento físico e psicológico da criança (Silva, 2014). É um dos principais contextos de socialização do indivíduo e, por isso, tem um papel indispensável na compreensão do seu desenvolvimento (Faco & Melchiori, 2009).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) defende que “o conceito de família não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção. Qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e um destino comum, deve ser encarado como família” (Organização Mundial de Saúde, 1994, *cit in* Relvas & Alarcão, 2002, p. 204).

Tal como a família influencia os membros que a constituem pois estes participam e atuam nas interações de forma ativa, também ela é influenciada pelos mesmos, uma vez que existe um sistema de influência recíproca entre os envolvidos nas relações familiares (Soares & Colossi, 2016).

Ao longo do tempo, o conceito de família tem-se alterado e surge então o ciclo vital da família. Este representa um conjunto de fases que marcam as mudanças que ocorrem no interior da mesma (Relvas, 1997).

O desenvolvimento da família conta com as mudanças que ocorrem enquanto grupo e enquanto pessoas individuais, ao nível funcional, interacional e estrutural. É importante

reconhecer a sequência de transformações que acontecem no ciclo vital da família, de forma a caracterizar as etapas desse ciclo (Rebelo, 2008; Relvas, 2000).

1.2.1. Ciclo Vital da Família

Durante bastante tempo priorizou-se apenas o desenvolvimento individual sem se considerar o contexto e as conexões familiares que modelam a vida dos indivíduos, prestando-se pouca atenção ao ciclo de vida da família e à influência que este tem no desenvolvimento humano. Contudo, os padrões familiares assumiram novas configurações ao longo do tempo, levando a uma visão mais ampla do desenvolvimento humano (McGoldrick, Preto, & Carter, 2016).

Cada indivíduo vai modelando o seu desenvolvimento através da matriz do ciclo de vida da família. Todas as experiências pelas quais os seres humanos vão passando são influenciadas pelos seus pais e educadores, pelo contexto sociocultural em que vivem e até pelo seu próprio percurso individual (McGoldrick et al., 2016).

Desta forma, o ciclo vital da família é a estrutura que se centra na compreensão da identidade e do desenvolvimento humano. Todas as pessoas nascem em famílias. Estas são a base das suas primeiras experiências no mundo, dos seus primeiros relacionamentos e ainda do seu primeiro sentido de pertença a um grupo. Desenvolvem-se, crescem e esperam morrer no seio do seu contexto familiar (McGoldrick et al., 2016).

É extremamente difícil pensar na família como um todo devido à complexidade envolvida. As famílias representam um sistema que se move no tempo, isto é, vão incorporando novos membros, quer seja pelo nascimento de crianças, por adoção, compromisso ou casamento. (McGoldrick et al., 2016).

As diferentes gerações de uma família fazem parte do ciclo de vida. Da mesma forma que os adultos contribuem para o desenvolvimento da criança, também a própria criança tem um poderoso impacto no desenvolvimento do adulto e forma como este enfrenta o mundo (McGoldrick et al., 2016).

Segundo McGoldrick et al. (2015), o ciclo de vida é então constituído pelo indivíduo (corpo, mente e espírito, isto é, tendo em conta as seguintes dimensões: idade, género, raça, etnia, classe social, religião, desenvolvimento físico e psicológico, saúde, autonomia, valores religiosos e espirituais, expectativas e desejos), pelo contexto familiar (membros da família e estrutura familiar, padrões emocionais e relacionais, pontos fortes e fracos, valores e crenças) e pelo contexto sociocultural (amigos, cultura e sociedade), sendo que todos se movem em conjunto no tempo (McGoldrick et al., 2016).

O objetivo do ciclo vital da família é apresentar a importância das relações humanas familiares, centrando-se no progresso temporal das interações, essencial para diagnosticar e planear a intervenção (Relvas, 2000).

McGoldrick e colaboradores (2016) definem sete estádios do ciclo de vida familiar, sendo estes (Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick et al., 2016; Rebelo, 2008):

- Primeiro estágio: Jovem adulto solteiro, no qual o indivíduo precisa de aceitar a responsabilidade emocional e financeira por si próprio.

- Segundo estágio: Casais jovens sem filhos, no qual há um comprometimento com um novo sistema e as preocupações do casal dizem respeito à reformulação dos objetivos de cada um e do casal. Contudo, este tipo de famílias ainda não tem exigências para com a presença de filhos.

- Terceiro estágio: Famílias com crianças pequenas. Neste estágio já há uma necessidade de aceitar novos membros no sistema, ajustando o sistema conjugal de forma a criar espaço para o(s) filho(s). Os pais são as principais fontes de informação da criança e esta é vista como o centro da família. O casal une-se na tarefa de educação dos filhos.

- Quarto estágio: Famílias com adolescentes, onde a família se preocupa com a preparação da autonomia do seu filho. É necessário aumentarem a flexibilidade dos laços familiares para permitir a independência dos filhos.

- Quinto estágio: Famílias lançadoras, no qual os adolescentes começam a sair de casa e a instituir um papel fora da sua unidade familiar. A família ocupa-se com a independência dos seus filhos e têm de aceitar as várias saídas e entradas no sistema familiar.

- Sexto estágio: Famílias no meio da vida, no qual os filhos deixam a casa dos seus pais. Ainda que os pais mantenham algumas regras formais, a família é mais direcionada para as necessidades do casal e relacionamento com filhos e netos.

- Sétimo estágio: Famílias no estágio tardio, famílias essas que já concluíram o crescimento e a supervisão dos filhos. Estão agora ocupadas com a conservação do casal e com os relacionamentos que estabelecem com o resto da família e os amigos. Podem ter de passar pela perda de um companheiro e até preparar-se para a própria morte.

Como se pode verificar, o ciclo de vida individual dos membros da família origina alterações que se manifestam no contexto familiar e que, por essa razão, leva a modificações no sistema familiar que o indivíduo incorpora (Soares & Colossi, 2016).

Quando os casais se tornam pais, é necessária uma adaptação ao novo estágio das suas vidas, aceitando um novo membro na família e ajustando-se aos novos papéis que cada um assume. Esta transição entre os estágios da vida de um indivíduo pode provocar um grande *stress* na organização familiar, gerando muitas vezes crises na família. Estas crises dizem respeito ao acumular de situações *stressantes* provenientes da necessidade de se adaptarem ao novo estágio do ciclo vital da família. A transição de estágio no ciclo de vida familiar pode gerar situações de ansiedade e conflito, uma vez que atinge a estrutura familiar (Carter & McGoldrick, 1995).

Essas crises obrigam a flexibilidade e ajustamentos por parte da família, onde devem ser realizadas negociações, de forma a que a família consiga lidar de modo funcional para garantir a sua continuidade e permitir o crescimento de cada membro que a compõe (Carter & McGoldrick, 1995).

Desta forma, a mudança de um indivíduo na família leva a uma nova dinâmica na estrutura familiar, afetando todos os envolvidos, sendo então necessária alguma flexibilidade

para manter o equilíbrio familiar. Contudo, para bastantes famílias, a expectativa relativa ao novo estágio e a necessidade de flexibilidade e de adaptação pode ser um processo doloroso e causador de sofrimento. Habitualmente, as transições de estágio definitivas que promovem mudanças permanentes na família (por exemplo, os nascimentos e as mortes) têm propensão a serem mais sentidas pela família (Carter & McGoldrick, 1995; Soares & Colossi, 2016).

1.2.2. Modelo Circumplexo e Funcionamento Familiar

Entre outros conceitos importantes na definição de famílias e relações familiares é fundamental referir o Modelo Circumplexo que foi desenvolvido na tentativa de preencher lacunas que existem entre a teoria e a prática. Este modelo é composto por quatro conceitos-chave para entender o funcionamento familiar: coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação (Olson, 2000).

No que diz respeito à coesão, esta define-se como a ligação emocional que os membros da família estabelecem uns com os outros. Num determinado sistema familiar, a coesão implica ligações emocionais, limites, coligações, tempo, espaço, amigos, tomada de decisão, interesses e entretenimento (Rebelo, 2008). Esta é definida como o vínculo emocional que os membros da família têm entre si e o seu foco é compreender de que forma os sistemas equilibram a separação e a ligação (Olson, 2011).

É possível encontrar cinco níveis de coesão: desligada/desconectada (excessivamente baixa), ligada a certo ponto (baixa a moderada), ligada (moderada), muito ligada (moderada a alta), emaranhada/altamente ligada (muito elevada). Os três níveis intermédios estão relacionados com um bom funcionamento familiar e os extremos (desligada e emaranhada) são normalmente vistos como problemáticos (Olson, 2000).

Já a flexibilidade é definida como “a qualidade e expressão da liderança e organização, relacionamento de papéis, regras e negociações” (Olson & Gorall, 2006, p. 6). Num determinado sistema familiar, a flexibilidade implica liderança (controlo e disciplina), estilos negociais, relacionamentos de regras e papéis (Rebelo, 2008). Define-se pela quantidade de mudanças na liderança da família e nas regras de relacionamento e centra-se então na forma como os sistemas equilibram a estabilidade e a mudança (Olson, 2011).

Existem cinco níveis de flexibilidade: rígido/inflexível (extremamente baixo), um tanto flexível (baixo a moderado), flexível (moderado), muito flexível (moderado a elevado), e caótico/excessivamente flexível (elevado). Coloca-se como hipótese que os níveis intermédios de flexibilidade levam a um melhor funcionamento familiar e os extremos (rígido e caótico) representam as famílias mais problemáticas (Olson, 2000).

Quanto à comunicação, esta é definida pelas competências de comunicação utilizadas no casal ou na família. A comunicação é vista como uma medida facilitadora que auxilia as famílias a alterar os seus níveis de coesão e de flexibilidade (Olson, 2011; Rebelo, 2008). Sabe-se que os sistemas equilibrados tendem a ter uma comunicação muito boa, enquanto que os sistemas desequilibrados tendem a apresentar uma má comunicação (Olson, 2000). A comunicação familiar é a chave para o sucesso do funcionamento da família. A comunicação

clara, aberta e frequente é uma característica básica para uma família forte e saudável (Akhlaq, Malik, & Khan, 2013). Por último, a satisfação diz respeito ao grau de felicidade sentido pelos membros da família (Olson, 2011).

O Modelo Circumplexo foi desenvolvido com o objetivo de fazer uma avaliação clínica e posterior planeamento do tipo de intervenção a efetuar com os casais e as suas famílias. A avaliação pode ser utilizada com o propósito de tornar o sistema mais funcional e de ser capaz de lidar com mais eficácia com os atuais e futuros problemas do relacionamento (Olson, 2000).

Olson e Gorall (2006) propõem uma tipologia de famílias para o estudo e análise das relações familiares, estruturada no instrumento FACES-IV e no Modelo Circumplexo, identificando assim seis tipos de famílias. Os seis tipos de família variam dos mais saudáveis e funcionais aos menos saudáveis e mais problemáticos, sendo estes (Olson & Gorall, 2006; Rebelo, 2008):

- Famílias Equilibradas (com elevadas pontuações nas subescalas equilibradas e pontuações baixas nas subescalas desequilibradas), nas quais ocorre um funcionamento maioritariamente saudável (existe um elevado nível de coesão e flexibilidade) e um reduzido funcionamento problemático. Pensa-se que estas famílias reagem bem perante situações stressantes e mudanças nas relações familiares.

- Famílias Rigidamente Equilibradas (com pontuações altas na coesão e pontuação média na flexibilidade), que possuem níveis elevados de proximidade emocional e de rigidez. Considera-se que estas famílias funcionam bem devido ao seu elevado nível de proximidade emocional, contudo, podem ter dificuldade em realizar mudanças impostas pelo desenvolvimento, dada a sua elevada rigidez.

- Famílias Médias, com pontuações médias em todas as subescalas, exceto na rígida, onde a pontuação pode ser muito alta ou muito baixa. Hipoteticamente, estas famílias funcionariam de forma adequada, não apresentando níveis elevados de fatores de força e proteção, nem de dificuldades ou fatores de risco.

- Famílias Flexivelmente Desequilibradas, caracterizada por pontuações elevadas em todas as subescalas, exceto na coesão, onde a pontuação é média ou baixa. Estas famílias apontam, à partida, um funcionamento problemático, contudo, uma vez que exibem elevados níveis de flexibilidade, teriam as capacidades necessárias para modificar alguns níveis problemáticos. Este é o grupo mais difícil de caracterizar com clareza.

- Famílias Caoticamente Desligadas, com pontuações baixas nas subescalas equilibradas e nas subescalas emaranhada e rígida e pontuações elevadas nas subescalas caótica e desligada. Supõe-se que sejam famílias problemáticas, dada a falta de proximidade emocional e os baixos níveis de flexibilidade, o que denota uma forte dificuldade em promover as mudanças.

- Famílias Desequilibradas, caracterizadas como sendo exatamente o oposto das famílias equilibradas (com pontuações altas nas subescalas desequilibradas e pontuações baixas nas subescalas equilibradas). Coloca-se em hipótese que estas famílias são as mais

problemáticas no que diz respeito ao funcionamento familiar e requerem de fatores de força e proteção. Este é o grupo mais provável de ser observado em terapia.

O principal pressuposto do Modelo Circumplexo é que as dimensões coesão e flexibilidade têm uma relação curvilínea com o funcionamento familiar (isto é, os limites de cada dimensão estão relacionados com um funcionamento familiar saudável), enquanto que a dimensão comunicação tem uma relação positiva linear com o funcionamento familiar (isto é, quanto maior ou menor for a comunicação na família, melhor ou pior é o funcionamento da mesma, respetivamente) (Rebelo, 2008). Uma das hipóteses deste modelo é que os sistemas de família equilibrados tendem a ser mais funcionais e menos problemáticos do que os sistemas desequilibrados (Olson, 2000). As famílias equilibradas estão mais satisfeitas com o seu sistema familiar e têm uma comunicação familiar melhor do que as famílias desequilibradas (Rebelo, 2008).

1.2.3. Caracterização de Família Nuclear Tradicional

Os padrões de família variam de sociedade para sociedade. No entanto, a família como instituição social é universal e está presente em todas as culturas.

São várias as classificações sugeridas para designar a estrutura e dinâmica familiar, sendo estas (Carnut & Faquim, 2014):

- Famílias nucleares tradicionais, incluindo duas gerações com filhos biológicos;
- Famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações (compostas pelo núcleo familiar e agregados que coabitam na mesma casa);
- Famílias adotivas (compostas por um homem e uma mulher e cujo filho não apresenta laços de consanguinidade);
- Casais (o homem e a mulher unem-se pelo matrimónio, mas não geram nem adotam filhos);
- Famílias monoparentais (compostas por um único progenitor, sendo ele o pai ou a mãe);
- Casais homossexuais, com ou sem crianças;
- Famílias reconstituídas após o divórcio;
- Pessoas que vivem juntas, sem laços de sangue, mas com uma forte ligação recíproca.

Para que as famílias se mantenham estáveis necessitam de equilibrar a coesão e o conflito e manter os vínculos (Hendricks, Erasmus, & Roman, 2015).

A família nuclear tradicional é constituída por um homem e uma mulher casados que coabitam na mesma casa, mantêm um relacionamento socialmente aprovado e conceberam pelo menos um filho. Estas famílias representam, de entre todas as classificações, o tipo de família mais comum e as que são mais aceites pela sociedade (Carnut & Faquim, 2014).

A sociedade contemporânea continua a dar maior destaque às famílias tradicionais em comparação com as famílias não tradicionais. A família nuclear tradicional é frequentemente vista

como a família ideal, centrada nas relações conjugais heterossexuais com pelo menos um filho (Hendricks et al., 2015).

Num estudo realizado com pais de diferentes estruturas familiares, verificou-se que estes valorizam a família nuclear tradicional, tendo-a como referência de ideal. Alguns pais divorciados relataram mesmo a nostalgia que sentem em ter a outra figura paterna presente em casa (Scaglia, Mishima-Gomes, & Barbieri, 2018).

Por vezes, após o nascimento do primeiro filho, a família nuclear toma a decisão de conceber uma nova criança. O nascimento do segundo filho numa família nuclear tradicional afeta, de um modo global, a dinâmica familiar. Pode gerar um aumento da tensão familiar, uma vez que conduz a uma necessidade de reformular os papéis e as regras existentes no interior de uma família (Piccinini, Pereira, Marin, Lopes, & Tudge, 2007).

O nascimento do segundo filho necessita de alguma atenção, uma vez que, tal como acontece aquando do nascimento do primeiro filho, há um processo complexo de transição que pode afetar não só a parentalidade, como também a própria relação conjugal e mesmo as próprias crianças (Piccinini et al., 2007).

1.3. O Papel da Família no Desenvolvimento da Criança

1.3.1. Influência do Ambiente e Apoio Familiar

O comportamento parental está fortemente relacionado com o desenvolvimento da criança e é crucial nos seus primeiros anos de vida.

Pais identificaram como fatores que promovem o desenvolvimento da criança o estímulo parental, o envolvimento ativo dos pais na vivência escolar e extraescolar dos filhos, aconselhamento por parte das figuras parentais e o desenvolvimento do sentido de responsabilidade dos filhos (Salsinha, 2011).

Quando os pais são mais afetivos, responsivos e estimuladores da independência dos seus filhos, as crianças apresentam uma maior probabilidade de obter melhores desempenhos escolares e de apresentar menores problemas ao nível comportamental (Borges, 2010).

Estudos indicam que crianças provenientes de famílias com um ambiente familiar positivo tinham possibilidade de obter mais informação acerca das atividades em que as figuras parentais se envolviam, bem como um maior encorajamento por parte destes (Salsinha, 2011).

A qualidade da relação entre o casal influencia diretamente os comportamentos da criança, isto é, uma relação conjugal problemática e conflituosa tende a ter um impacto negativo sobre a criança. Constatou-se que na existência de conflitos entre o casal, estes tendem a ser mais duros, menos carinhosos e menos encorajadores da independência dos seus filhos. Consequentemente, essas crianças tendem a ser mais agressivas e depressivas e a obter resultados escolares mais baixos. Assim sendo, não importa apenas a forma como os pais interagem com a criança, mas também a forma como o casal se relaciona entre si (Borges, 2010).

A qualidade das interações no contexto familiar, tendo em conta as diferentes tipologias (pais autoritários, pais permissivos e pais com autoridade democrática), marca a vida da criança.

Neste sentido, é fundamental entender como ocorrem as interações no contexto da família e como os indivíduos se organizam nas conexões que estabelecem entre si e com o meio em que se inserem (Borges, 2010).

1.3.2. Relação entre o Funcionamento Familiar e o Desenvolvimento da Linguagem da Criança

Como já foi referido, o contexto familiar é um fator muito importante no desenvolvimento da criança, uma vez que a prepara para os modelos que são ou não aceitáveis na comunidade em que está envolvida. É no seio familiar que se desenvolvem as primeiras capacidades de interação, de comunicação e de linguagem. A criança é incitada a comunicar logo após os primeiros dias de vida. O próprio discurso que o adulto dirige à criança é constituído por frases curtas e simples, com frequentes repetições e diferente entoação (Silva, 2014).

As atividades, brincadeiras e materiais didáticos que os pais utilizam com os seus filhos têm uma forte influência no desenvolvimento da linguagem da criança, assim como no desenvolvimento da sua independência, autonomia e responsabilidade (Silva, 2014).

São poucos os estudos que relacionam o funcionamento familiar com o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.

O funcionamento familiar caracteriza-se pela capacidade de a família trabalhar em conjunto e se adequar a diferentes situações, especialmente as que causam maior *stress*. A flexibilidade, a coesão e a comunicação são algumas das variáveis que habilitam as famílias para lidar com essas situações de stress (Carvalho, Relva, & Fernandes, 2018).

No que diz respeito ao funcionamento familiar, observou-se que um ambiente estimulador é diretamente proporcional a um maior vocabulário expressivo na criança (Scopel et al., 2012).

Analisando as variáveis de funcionamento familiar (coesão, flexibilidade e comunicação) referidas e caracterizadas previamente, é possível retirar algumas conclusões relativamente às características de cada família e as consequências que poderão advir diretamente no desenvolvimento da criança (Olson, 2000; Rebelo, 2008):

1- No que diz respeito à coesão, nas relações com níveis moderados, os indivíduos são capazes de ser autónomos e simultaneamente unidos às suas famílias e tendem a ser mais funcionais no decorrer do ciclo de vida.

Normalmente, as famílias que procuram a terapia tendem a estar posicionadas num dos extremos (desligadas ou altamente ligadas), formando os níveis mais desequilibrados e problemáticos. Um nível de coesão baixo (desligado) denota muitas vezes uma separação emocional, os membros da família têm pouco envolvimento uns com ou outros e são independentes, realizam as suas próprias tarefas. Já numa relação altamente ligada, há uma proximidade emocional muito elevada, o que leva a que os indivíduos sejam extremamente dependentes uns dos outros.

2- Quanto à flexibilidade, esta foca-se nas alterações ao nível da liderança, papéis e regras dentro de uma família. As famílias necessitam de estabilidade e de mudança. Muitas vezes são disfuncionais porque não têm a capacidade de mudar quando é necessário.

Mais uma vez, as famílias mais desequilibradas e problemáticas encontram-se habitualmente nos extremos (rígidas e caóticas). Numa ligação extremamente baixa (rígida), a grande maioria das decisões são impostas pelo líder e as regras são imutáveis. Numa ligação excessivamente flexível (caótica), as decisões são tomadas de forma irrefletida e não assumem papéis definidos.

3- Assim, sistemas equilibrados ao nível da coesão e da flexibilidade tendem a ter uma boa comunicação e vice-versa.

Segundo um estudo realizado por Zalewska-Łunkiewicz e colaboradores (2016), as crianças pertencentes a sistemas familiares equilibrados têm um melhor desempenho ao nível das competências cognitivas aquando da sua entrada na idade escolar do que as crianças pertencentes a sistemas familiares desequilibrados. Estes autores apontaram ainda a educação da mãe como um fator relacionado com as capacidades da criança na escola (matemática, leitura, escrita). Nas famílias equilibradas, o nível de educação escolar das mães é consideravelmente maior do que nas famílias desequilibradas. Além disso, o facto de uma família possuir um maior número de livros foi também considerado como um fator significativo no que diz respeito a um desempenho cognitivo mais elevado das crianças (Zalewska-Łunkiewicz et al., 2016).

Neste sentido, é possível compreender que a família é um dos principais responsáveis não só pela aquisição e desenvolvimento da linguagem, como também pelas consequências que daí advêm no que diz respeito ao sucesso escolar, profissional e mesmo social (Silva, 2014).

Capítulo 2: Objetivos do Estudo

Este estudo teve como objetivo geral analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar, em famílias nucleares tradicionais. Especificamente, pretendeu-se: i) avaliar o desenvolvimento da linguagem das crianças em idade pré-escolar, pertencentes a uma família nuclear tradicional com dois filhos; ii) avaliar o funcionamento familiar em famílias nucleares tradicionais com dois filhos; iii) analisar a relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem das crianças em idade pré-escolar, em famílias nucleares tradicionais com dois filhos.

Capítulo 3: Metodologia

3.1. Tipo e Desenho de Estudo

Face aos objetivos propostos, optou-se por um estudo:

- exploratório, uma vez que tem como objetivo explorar um tema que ainda não se encontra na literatura científica e proporcionar mais informações acerca do assunto que está a ser investigado (Prodanov & Freitas, 2013);

- transversal, visto que decorre num dado momento específico e único (Bastos & Duquia, 2013);

- descritivo-correlacional, uma vez que tem por finalidade descrever as características da população selecionada, possibilitando o estabelecimento de relações entre variáveis. Trata-se da descrição dos acontecimentos que ocorrem naturalmente, sem a intervenção do investigador e envolve o uso de coleta de dados (Araújo & Gouveia, 2018; Fortin, 2000; Ribeiro, 2010);

- com uma abordagem quantitativa, isto é, através da aplicação de testes de avaliação e questionários, obter-se-ão dados observáveis e quantificáveis (Araújo & Gouveia, 2018; Prodanov & Freitas, 2013).

3.2. População e Amostra

Sendo que a população é a totalidade de elementos que integram um determinado grupo com pelo menos uma característica em comum (Bergamaschi, Souza, & Menezes, 2016), a população selecionada para o presente estudo são pais e crianças em idade pré-escolar integrados numa família nuclear tradicional com dois filhos, que frequentem Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS's) de diversas localidades, de vários distritos do país.

Considerando a extensão da população e os recursos que seriam necessários para recolher e analisar os dados de todos os elementos dessa mesma população, torna-se mais funcional estudar apenas uma amostra dessa mesma população (Bergamaschi et al., 2016). O processo de obtenção de uma amostra designa-se por amostragem (Bergamaschi et al., 2016). Para o presente estudo, foi selecionada uma amostragem não probabilística, uma vez que a probabilidade relativa de um elemento ser incluído na amostra é desconhecida (Ribeiro, 2010), por conveniência, visto que os participantes nela incluídos dependem do local definido pelo investigador e são grupos acessíveis ao mesmo (isto é, próximos e convenientes no momento da recolha). O investigador seleciona indivíduos para o estudo que se mostrem mais acessíveis, colaborativos ou disponíveis para participar no processo (Freitag, 2018; Varão, Batista, & Martinho, 2006). A amostragem utilizada designa-se também por “bola de neve”, em que os indivíduos selecionados convidam novos participantes da sua rede social e, desta forma, a amostra vai crescendo (Freitag, 2018).

Neste sentido, a amostra foi obtida a partir da definição de critérios de inclusão e de exclusão. No que diz respeito aos critérios de inclusão, as crianças tinham de ter idade

compreendida entre os 3 anos e 0 meses e os 5 anos e 11 meses, ter ausência de qualquer perturbação da linguagem (foram excluídas as crianças que apresentaram um resultado no TL-ALPE com pontuação abaixo de 1,5 desvio-padrão), pertencer a uma família constituída por mãe, pai e dois filhos e possuir o português europeu como língua materna; já as famílias tinham de ser nucleares tradicionais com dois filhos, ter capacidade de compreender o estudo e possuírem também o português europeu como língua materna. Quanto aos critérios de exclusão, foi definido que as crianças não podiam ter passado por um processo adotivo, uma vez que dessa forma perder-se-iam informações importantes do desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida; já as famílias não podiam apresentar uma condição psiquiátrica grave.

Sendo assim, constituiu-se uma amostra de 110 crianças em idade pré-escolar pertencentes a 110 famílias nucleares tradicionais com dois filhos. Inicialmente a amostra era constituída por 182 famílias, contudo, 52 famílias que preencheram o formulário para participarem não deram seguimento ao processo devido à ausência de resposta e 2 desistiram. Além disso, foi necessário excluir do estudo 18 famílias/crianças, uma vez que não cumpriam os critérios de inclusão do estudo, nomeadamente: 9 crianças tinham idades inferiores ou superiores às pretendidas; 3 crianças tinham perturbação de linguagem (pontuação abaixo de 1,5 desvio-padrão); 2 famílias eram constituídas por mais de dois filhos; 1 família não possuía o português europeu como língua materna; e com 3 crianças não foi possível concluir a aplicação do TL-ALPE, dada a dificuldade de participação da criança aquando da avaliação em formato *online*/à distância.

3.3. Procedimentos para Recolha de Dados e Considerações Éticas

Antes da aplicação dos instrumentos de recolha de dados, houve uma série de procedimentos e considerações éticas que foram tidos em conta.

O processo de recolha de dados iniciou-se após o parecer favorável da Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), com a referência n.º: 697_07-2020, obtido pelas Professoras Doutoras Daniela Figueiredo e Marisa Lousada, responsáveis pelo estudo.

Assim, nos meses de julho a outubro de 2020 foi realizado um pedido de autorização a várias IPSS's de alguns distritos do país (Aveiro, Porto, Coimbra, Leiria, Lisboa e Faro), via presencial, telefónica e/ou por e-mail, de forma a solicitar a sua colaboração no estudo. Numa primeira fase, foram contactadas IPPS's apenas dos distritos de Aveiro e Coimbra, com o objetivo de pedir autorização para realizar as recolhas de forma presencial na instituição, contudo, perante a situação que o país atravessou (e atravessa) devido à pandemia Covid-19, foi necessário reformular os procedimentos e alargar a amostra a outros distritos do país, equacionando então as recolhas no formato *online*. Deste modo, procedeu-se à divulgação do estudo nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) e foram ainda realizados contactos com diversas instituições, no sentido de estas mediarem o contacto entre a investigadora e os pais das crianças que as frequentavam. Assim, foram contactadas, ao todo, 1059 instituições,

contudo, apenas cerca de 5% das mesmas devolveram uma resposta. À parte dos contactos realizados, surgiram também algumas respostas através da técnica “bola de neve”, onde os participantes convidaram outros indivíduos da sua rede social e, desta forma, alcançaram-se pessoas de outros distritos que não os inicialmente planeados. Atentando a tudo isto, o estudo contemplou crianças pertencentes a 93 instituições diferentes.

Como referido na Introdução, este estudo insere-se no âmbito de um projeto mais alargado que visa analisar o funcionamento familiar e desenvolvimento da linguagem em diferentes configurações familiares, pelo que os contactos realizados foram efetuados no âmbito desse mesmo projeto. Os contactos foram realizados por e-mail, via telefone e/ou presencialmente, circunstâncias onde foram explicados os objetivos e a metodologia do estudo. Nos casos em que o contacto foi realizado presencialmente (através de uma reunião), foi assinada uma declaração para formalizar a autorização (Apêndice 1) e foi pedida a colaboração das educadoras de infância para selecionar as crianças e respetivas famílias que cumprem os critérios de inclusão e exclusão e que seriam potenciais participantes. Posteriormente, foi feito o contacto com as famílias selecionadas, onde foram também esclarecidos os objetivos do estudo e os meios pelo qual o mesmo seria conduzido.

Após o contacto com cada família e respetivo pedido de autorização para colaborar no estudo, foi entregue/enviado a todos os participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), que foi assinado pelos mesmos, no qual consta a pertinência e o objetivo do estudo, a identificação da investigadora, orientadora e coorientadora e onde são também assegurados o anonimato e a confidencialidade dos dados obtidos e ainda a possibilidade de desistência em qualquer momento da recolha, sem qualquer prejuízo para o próprio.

A recolha de dados decorreu entre outubro de 2020 e março de 2021, onde foram então aplicados os instrumentos de recolha de dados a cada família/criança selecionadas: entrega e preenchimento por parte dos pais dos questionários sociodemográficos e da FACES-IV (em papel ou via digital, através do *Google Forms*) e avaliação das respetivas crianças com o TL-ALPE (via presencial ou em formato *online*, em contexto escolar ou particular).

3.4. Instrumentos de Recolha de Dados

Os instrumentos de recolha de dados utilizados neste estudo foram o questionário sociodemográfico, o “Teste de Linguagem - Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE)” e a versão portuguesa do questionário “Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV)”.

3.4.1. Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico tem como objetivo caracterizar os indivíduos da amostra, recolhendo os seus dados biográficos, nomeadamente, género, idade, habilitações literárias, estado civil, ocupação habitual e número de filhos. Possui ainda algumas questões relativas à existência ou não de algum diagnóstico de perturbação da linguagem (tanto relativo aos pais como à criança) e à estrutura da família.

Inicialmente são feitas algumas questões acerca da pessoa que preenche o questionário e a estrutura da sua família e depois seguem-se três questões relativamente à criança que participou no estudo.

3.4.2. Teste de Linguagem - Avaliação de Linguagem Pré-Escolar (TL-ALPE)

O TL-ALPE destina-se a crianças entre os 3 anos e 0 meses e os 5 anos e 11 meses e avalia o desenvolvimento linguístico das mesmas antes de entrarem para o 1º ciclo. É capaz de detetar dificuldades que, habitualmente, afetam o sucesso escolar das crianças. Este instrumento avalia competências linguísticas ao nível da semântica, morfossintaxe e fonologia, de forma a descobrir se o seu desempenho está abaixo dos limites considerados normais (Mendes, Afonso, Lousada, & Andrade, 2014).

Este teste foi desenvolvido para dar resposta a uma necessidade na prática clínica dos terapeutas da fala, no entanto, pode ser aplicado por educadores de infância, psicólogos, pediatras ou outros profissionais que trabalhem diretamente com a faixa etária destinada, de forma a fazer o despiste rápido de uma perturbação no desenvolvimento linguístico das crianças e, em caso de necessidade, fazerem o respetivo encaminhamento para intervenção (Mendes et al., 2014).

O teste é constituído por um livro de imagens, uma folha de registo e um conjunto de objetos próprios que estimulam as respostas das crianças de acordo com as instruções de quem o está a aplicar (Mendes et al., 2014).

No que diz respeito às propriedades psicométricas do instrumento, foram analisados três tipos de fiabilidade e três tipos de validade. Quanto à fiabilidade: a análise de consistência interna revelou que o instrumento tem uma forte coesão entre os itens analisados; a percentagem de acordo intra-examinador obtida indicou “equivalência forte”; e o valor obtido de acordo inter-examinador indicou que o instrumento apresenta “estabilidade forte”. No que diz respeito à validade: na validade de conteúdo verificou-se adequação dos itens relativamente aos domínios avaliados pelo TL-ALPE; a validade de construto revelou consonância entre os resultados e a teoria referente aos domínios em avaliação; e a validade concorrente foi analisada através da comparação das cotações obtidas no TL-ALPE com as cotações do Teste de Avaliação da Linguagem na Criança, tendo-se verificado uma correlação forte na competência Expressão Verbal Oral e cotação total e moderada na competência Compreensão Auditiva (Mendes et al., 2014).

O instrumento é constituído por dezanove subtestes. É disponibilizada a correspondência entre a cotação obtida pela criança com os valores da cotação estandardizada da expressão verbal oral e da compreensão auditiva obtidos no TL-ALPE. Os resultados que se encontrem dentro da área sombreada (isto é, entre 77,5 e 122,5) consideram-se dentro dos limites da variação normal. Os resultados que se situem acima ou abaixo deste intervalo indicam desempenhos acima ou abaixo da média, respetivamente (Mendes et al., 2014).

3.4.3. Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV)

A *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV* (FACES-IV) é a versão mais recente e completa de um grupo de instrumentos desenvolvidos com o objetivo de auxiliar clínicos e investigadores a avaliar o funcionamento familiar (Olson, 2011).

É uma escala de autoavaliação familiar e apoia-se no Modelo Circumplexo dos sistemas conjugal e familiar, proposto por Olson (2000). Baseado na teoria dos sistemas, o Modelo Circumplexo enfoca os sistemas relacionais e integra dimensões que têm sido consideradas as mais relevantes numa variedade de modelos teóricos e abordagens terapêuticas da família: coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2003, 2006; Santos, Bazon, & Carvalho, 2017).

A escala é composta por 62 itens, divididos em oito subescalas: duas escalas equilibradas (1) Coesão e (2) Flexibilidade; quatro escalas desequilibradas (3) Desligamento, (4) Emaranhada, (5) Rígida e (6) Caótica; a (7) Comunicação e a (8) Satisfação. A cotação da FACES-IV realiza-se através de um conjunto de grelhas, onde as letras A, B, C, D, E e F correspondem a cada uma das subescalas. São somados os valores correspondentes às questões/itens de cada subescala para obter a sua pontuação (Tabela 1):

A cada item corresponde uma escala de Likert com cinco opções de resposta: (1) Discordo fortemente, (2) discordo, (3) não concordo nem discordo, (4) concordo e (5) concordo fortemente (nos itens de 1 a 52) e (1) Muito insatisfeito, (2) insatisfeito, (3) geralmente satisfeito, (4) muito satisfeito e (5) totalmente satisfeito (nos itens de 53 a 62).

Tabela 1: Grelha de Cotação da FACES-IV (Olson, 2010, 2011)

Grelha de Cotação da FACES-IV										
Coesão	Flexibilidade		Desligada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
1	2		3		4		5		6	
7	8		9		10		11		12	
13	14		15		16		17		18	
19	20		21		22		23		24	
25	26		27		28		29		30	
31	32		33		34		35		36	
37	38		39		40		41		42	
A	B		C		D		E		F	
Comunicação	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52
Satisfação	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62

Posteriormente recorrem-se às figuras do Anexo 2 para converter os valores brutos em valores percentuais. Os rácios da coesão, da flexibilidade e total avaliam o grau em que um sistema é equilibrado ou desequilibrado relativamente à coesão e à flexibilidade. A pontuação obtida pelo rácio compara a quantidade relativa de equilíbrio e de desequilíbrio no sistema familiar (Olson, 2011). Valores de rácio acima de 1 indicam famílias equilibradas, enquanto que valores de rácio abaixo de 1 correspondem a famílias desequilibradas. O rácio Circumplexo Total resume as características familiares equilibradas ou desequilibradas numa única pontuação (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2006).

Os rácios são calculados da seguinte forma (Olson, 2000, 2010, 2011; Olson & Gorall, 2006; Rebelo, 2008):

$$\text{Rácio de Coesão} = \frac{\text{Coesão Equilibrada}}{[(\text{Desligada} + \text{Emaranhada})/2]}$$

$$\text{Rácio de Flexibilidade} = \frac{\text{Flexibilidade Equilibrada}}{[(\text{Rígida} + \text{Caótica})/2]}$$

$$\text{Rácio Circumplexo Total} = \frac{\text{Rácio da Coesão} + \text{Rácio da Flexibilidade}}{2}$$

A descrição dos perfis origina seis tipos de famílias, já descritos anteriormente no ponto 1.2.2., obtidos a partir das pontuações de cada subescala para avaliar as relações familiares (Olson & Gorall, 2006).

A FACES-IV tem valores de consistência interna bastante bons, com os seguintes valores de alfas de Cronbach para cada subescala: 0,89 na coesão; 0,84 na flexibilidade; 0,87 na subescala desligamento; 0,77 na subescala emaranhada; 0,82 na rígida; 0,86 na caótica (Olson, 2011).

Balbinotti e Barbosa (2008) referem que devem usar-se os seguintes critérios para interpretação dos valores de alfa de Cronbach: >0,80 como desejáveis; >0,70 como recomendados; >0,60 aceitáveis apenas para uso em pesquisa (não se aconselha o uso clínico). Assim, um alfa de Cronbach a 0,60 pode interpretar-se como tendo uma consistência interna satisfatória (Balbinotti & Barbosa, 2008).

No presente estudo obtiveram-se os seguintes valores de alfa de Cronbach para cada subescala: 0,713 na coesão; 0,652 na flexibilidade; 0,665 na subescala desligamento; 0,369 na subescala emaranhada; 0,680 na rígida; 0,669 na caótica; 0,881 na comunicação; e 0,877 na satisfação. Desta forma, apenas a subescala emaranhada não obteve um valor satisfatório.

3.5. Procedimentos para Tratamento e Análise de Dados

Após a recolha de dados, os mesmos foram introduzidos e processados no programa de *software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS – versão 24). Esta é uma ferramenta para análise de dados que utiliza técnicas estatísticas básicas e avançadas (Agranonik, Hirakata, & Comey, 2010).

Posteriormente, os dados foram tratados e analisados com recurso à:

1) estatística descritiva, que tem como objetivo a descrição dos resultados (informações recolhidas através do questionário sociodemográfico, TL-ALPE e FACES-IV). Para isso, foi realizado o cálculo de frequências absolutas, percentagens, médias e desvios-padrão. Estes dados foram compilados em tabelas;

2) estatística inferencial, cujo objetivo é obter uma afirmação acerca de uma população com base numa amostra, fazendo inferências e retirando conclusões (Ferreira, 2005). Para isso, foi necessário comparar as diferenças de médias entre os grupos para sustentar se as diferenças entre as médias são ou não significativas, através do *Independent Sample T Test* (ou teste t para amostras independentes), considerando um valor de p inferior a 0,05 para dados estatisticamente significativos. Optou-se por este teste de hipóteses paramétrico, uma vez que se tratam de amostras independentes e a amostra segue a distribuição normal. Em amostras com dimensão superior a 30, a distribuição aproxima-se da distribuição normal (Marôco, 2018). O teste t de amostras independentes é um teste paramétrico que compara as médias de dois grupos independentes para determinar se existem evidências estatísticas de que as médias da população associada são significativamente diferentes (Moreno & Morcillo, 2019; Ugoni & Walker, 1995). Este teste é precedido pelo *Teste de Levene*, que permite compreender qual o valor do teste t que vai ser analisado e, conseqüentemente, qual a hipótese a aceitar (Marôco, 2018; Rebelo, 2008).

Foi calculado ainda o tamanho do efeito (effect size) dos resultados obtidos com o teste t. O nível de significância usada como referência foi de 0,05. O tamanho do efeito permite comparar os resultados das análises estatísticas, descrevendo o impacto de um fator na variável em estudo e a associação entre variáveis. Serve como um complemento ao teste de significância estatística (Akbarian, 2013; Espirito-Santo & Daniel, 2018; Fritz, Morris, & Richler, 2012; Tomczak & Tomczak, 2014).

Cohen (1988) classificou os tamanhos do efeito em pequeno ($d=0,20-0,49$), moderado ($d=0,50-0,79$) e grande ($d>0,80$) (Ellis, 2010; Espirito-Santo & Daniel, 2018; Fritz et al., 2012).

Capítulo 4: Resultados

4.1. Análise Descritiva

4.1.1. Caracterização Sociodemográfica

Os dados relativos à caracterização sociodemográfica da amostra são apresentados nas Tabelas 2 e 3. Na amostra total (n=110), de todos os adultos que preencheram o questionário, 105 (95,5%) são do género feminino (mãe da criança) e apenas 5 (4,5%) são do género masculino (pai da criança), sendo a média etária destes adultos de 36,35±3,81 anos. Todos os adultos (n=110, 100%) estão casados ou em união de facto.

A amostra é constituída por famílias residentes em nove distritos de Portugal, sendo que a maioria se situa no distrito de Aveiro (n=61; 55,5%).

Quanto às suas habilitações literárias, a grande maioria dos adultos terminou o ensino superior (n=72; 65,5%).

No que diz respeito à sua ocupação habitual, praticamente a totalidade dos indivíduos tem um trabalho remunerado (n=103; 93,6%).

Uma vez que um dos critérios de inclusão para este estudo era ter 2 filhos, todos (n=110; 100%) os adultos da amostra têm uma família constituída por dois filhos, com pais biológicos. Além disso, nenhum adulto nem criança avaliada (n=110; 100%) têm ou tiveram algum diagnóstico de Perturbação da Linguagem.

No que respeita às crianças que foram avaliadas, a maioria (n=56; 50,9%) é do género feminino. Quanto à idade do filho avaliado, a média é de 55,20±10,83 meses (aproximadamente 4,6 anos). Quanto à média etária do outro filho, esta é de 78,09±56,68 meses (aproximadamente 6,5 anos).

Tabela 2: Caracterização Sociodemográfica do Adulto e da Família

Variáveis	n	%
n Total	110	100%
Género + Lugar que Ocupa na Família		
Feminino (Mãe da Criança)	105	95,5%
Masculino (Pai da Criança)	5	4,5%
Idade		
Média ± Desvio-Padrão (M ± DP)	36,35±3,81 anos	
Estado Civil Atual		
Casado / União de Facto	110	100%
Distrito de Residência		
Aveiro	61	55,5%
Porto	20	18,2%
Coimbra	10	9,1%
Lisboa	10	9,1%
Viseu	3	2,7%
Castelo Branco	3	2,7%

Leiria	1	0,9%
Viana do Castelo	1	0,9%
Braga	1	0,9%
Habilitações Literárias		
Até ao 3º Ciclo do Ensino Básico (9º Ano)	7	6,4%
Até ao Ensino Secundário (12º Ano)	27	24,5%
Curso Médio	4	3,6%
Ensino Superior	72	65,5%
Ocupação Habitual		
Trabalho Remunerado	103	93,6%
Trabalho Doméstico	3	2,7%
Desempregado (por outros motivos que não a saúde)	4	3,6%
Tem ou teve algum diagnóstico de Perturbação da Linguagem?		
Não	110	100%
Estrutura da Família		
Dois pais biológicos	110	100%
Quantos filhos tem?		
Dois filhos	110	100%
Idade do Filho Avaliado		
Média ± Desvio-Padrão (M ± DP)	55,20±10,83 meses (4,6 anos)	
Idade do Outro Filho		
Média ± Desvio-Padrão (M ± DP)	78,09±56,68 meses (6,5 anos)	

Tabela 3: Caracterização Sociodemográfica da Criança Avaliada

	n	%
n Total	110	100%
Género		
Feminino	56	50,9%
Masculino	54	49,1%
Tem ou teve algum diagnóstico de Perturbação da Linguagem?		
Não	110	100%
Idade		
Média ± Desvio-Padrão (M ± DP)	55,20±10,83 meses (4,6 anos)	
<u>Faixa etária</u> – Dos 3 anos aos 3 anos e 11 meses	35	31,8%
<u>Faixa etária</u> – Dos 4 anos aos 4 anos e 11 meses	29	26,4%
<u>Faixa etária</u> – Dos 5 anos aos 5 anos e 11 meses	46	41,8%

4.1.2. Resultados no TL-ALPE

No que diz respeito ao TL-ALPE, apresentam-se, de seguida, os resultados obtidos.

Considerando as cotações standardizadas, na EVO obteve-se uma média de 102,67±11,18 [Min = 77; Máx = 128]. Já na CA obteve-se uma média de 106,13±11,06 [Min = 78; Máx = 127].

Os dados relativos aos resultados do TL-ALPE são apresentados na Tabela 4, onde se encontram também os resultados por domínios da semântica e da morfossintaxe.

Tabela 4: Resultados do TL-ALPE

Subescalas		M ± DP	Mínimo	Máximo
EXPRESSÃO VERBAL ORAL	Semântica (Pontuação Máxima – 43 pontos)	30,75±5,84	17	41
	Morfossintaxe (Pontuação Máxima – 33 pontos)	21,58±5,23	7	31
COMPREENSÃO AUDITIVA	Semântica (Pontuação Máxima – 34 pontos)	32,61±1,95	23	34
	Morfossintaxe (Pontuação Máxima – 15 pontos)	10,12±2,71	3	15
SEMÂNTICA (Pontuação Máxima – 77 pontos)		63,35±7,40	43	75
MORFOSSINTAXE (Pontuação Máxima – 48 pontos)		31,7±7,60	13	45
EXPRESSÃO VERBAL ORAL (Cotação Standardizada)		102,67±11,18	77	128
COMPREENSÃO AUDITIVA (Cotação Standardizada)		106,13±11,06	78	127

4.1.3. Resultados na FACES-IV

A seguir, apresentam-se os resultados obtidos com a FACES-IV.

No que diz respeito às Escalas Equilibradas, a Escala Equilibrada de Coesão obteve uma pontuação média de 31,47±2,82, com famílias a apresentar-se como coesas (n=19; 17,3%) a muito coesas (n=91; 82,7%). Relativamente à Escala Equilibrada de Flexibilidade, a pontuação média foi de 28,69±3,106, variando de famílias flexíveis (n=52; 47,3%) a muito flexíveis (n= 58; 52,7%), como se pode verificar na Tabela 5.

Quanto às Escalas Desequilibradas, na Escala Desequilibrada de Desligamento obteve-se uma pontuação média de 11,82±3,08 e o nível de desligamento foi maioritariamente *muito baixo* (n=104; 94,5%). No que respeita à Escala Desequilibrada Emaranhada, a sua pontuação média foi de 16,60±3,23 e o nível de interligação emaranhada variou sobretudo entre *muito baixo*

(n=54; 49,1%) e *baixo* (n=48; 43,6%). Quanto à Escala Desequilibrada de Rigidez, a pontuação média foi de 19,74±3,73 e o nível de rigidez oscilou essencialmente entre *muito baixo* (n=23; 20,9%), *baixo* (n=53; 48,2%) e *moderado* (n=29; 26,4%). Já no que concerne à Escala Desequilibrada Caótica, a pontuação média foi de 14,14±3,45 e o nível de relação caótica da família variou principalmente entre *muito baixo* (n=87; 79,1%) e *baixo* (n=20; 18,2%).

Tabela 5: Resultados da FACES-IV – Pontuações das Escalas Equilibradas de Coesão e Flexibilidade e das Escalas Desequilibradas de Desligamento, Emaranhada, Rigidez e Caótica

Subescalas		Nível	n	%	M ± DP
EQUILIBRADAS	Coesão	Coesa	19	17,3%	31,47±2,82
		Muito Coesa	91	82,7%	
	Flexibilidade	Flexível	52	47,3%	28,69±3,11
		Muito Flexível	58	52,7%	
DESEQUILIBRADAS	Desligamento	Muito Baixo	104	94,5%	11,82±3,08
		Baixo	5	4,5%	
		Alto	1	0,9%	
	Emaranhada	Muito Baixo	54	49,1%	16,60±3,23
		Baixo	48	43,6%	
		Moderado	7	6,4%	
		Alto	1	0,9%	
	Rigidez	Muito Baixo	23	20,9%	19,74±3,73
		Baixo	53	48,2%	
		Moderado	29	26,4%	
		Alto	4	3,6%	
		Muito Alto	1	0,9%	
	Caótica	Muito Baixo	87	79,1%	14,14±3,45
		Baixo	20	18,2%	
		Moderado	3	2,7%	

Caracterizando agora a Escala de Comunicação Familiar (ver Tabela 6), a pontuação média obtida foi de 41,53±4,74, sendo que o nível de comunicação variou principalmente entre *moderado* (n=13; 11,8%), *alto* (n=54; 49,1%) e *muito alto* (n=40; 36,4%).

Já relativamente à Escala de Satisfação Familiar, a pontuação média foi de 39,98±4,92, sendo que o nível de satisfação oscilou essencialmente entre *baixo* (n=14; 12,7%), *moderado* (n=33; 30%), *alto* (n=43; 39,1%) e *muito alto* (n=18; 16,4%).

Tabela 6: Resultados da FACES-IV – Pontuações das Escalas de Comunicação e Satisfação Familiar

Subescalas	Nível	n	%	M ± DP
Comunicação	Muito Baixo	1	0,9%	41,53±4,74
	Baixo	2	1,8%	
	Moderado	13	11,8%	
	Alto	54	49,1%	
	Muito Alto	40	36,4%	
Satisfação	Muito Baixo	2	1,8%	39,98±4,92
	Baixo	14	12,7%	
	Moderado	33	30%	
	Alto	43	39,1%	
	Muito Alto	18	16,4%	

Foram também calculados os rácios de coesão e de flexibilidade e os rácios totais do Modelo Circumplexo. Tal como foi referido no ponto 3.4.3., valores de rácio acima de 1 indicam famílias equilibradas, enquanto que valores de rácio abaixo de 1 correspondem a famílias desequilibradas (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2006).

Na amostra total deste estudo, apenas uma família apresentou um valor de rácio inferior a 1, ainda que muito próximo de 1. Logo, pode concluir-se que a esmagadora maioria da amostra é constituída por famílias equilibradas. Para o rácio da coesão, o valor médio foi de 3,59±1,10 [Min = 0,97; Máx = 6,54]. Para o rácio da flexibilidade, o valor médio obtido foi de 2,36±0,70 [Min = 0,91; Máx = 5,00]. Já para o rácio total, o valor médio foi de 2,98±0,82 [Min = 0,94; Máx = 5,46].

4.2. Análise Inferencial

4.2.1. Comparação de médias entre dois grupos

Nesta etapa, procurou analisar-se a existência (ou não) de diferenças para a EVO e CA, considerando diferentes grupos para cada subescala da FACES-IV, tendo sido observados os seguintes resultados com significado estatístico (Tabela 7):

a) Para a escala equilibrada de coesão, observaram-se diferenças estatisticamente significativas em relação à EVO ($t=-2,599$; $p=0,011$), isto é, crianças com um funcionamento familiar muito coeso têm pontuações mais elevadas na EVO do que crianças com um funcionamento familiar coeso.

b) Ainda na escala equilibrada de coesão, também se observaram diferenças estatisticamente significativas em relação à CA ($t=-2,909$; $p=0,004$), isto é, crianças com um funcionamento familiar muito coeso têm pontuações mais elevadas na CA do que crianças com um funcionamento familiar coeso.

c) Para a escala da comunicação familiar, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em relação à EVO ($t=-2,378$; $p=0,019$), isto é, crianças com uma boa comunicação familiar têm pontuações mais elevadas na EVO do que crianças com uma comunicação familiar menos boa.

d) Ainda na escala da comunicação familiar, observaram-se diferenças estatisticamente significativas em relação à CA ($t=-2,691$; $p=0,008$), isto é, crianças com uma boa comunicação familiar têm pontuações mais elevadas na CA do que crianças com uma comunicação familiar menos boa.

Constatou-se ainda que todas as diferenças entre grupos possuem um tamanho de efeito moderado: Coesão e EVO ($d=0,66$); Coesão e CA ($d=0,73$); Comunicação e EVO ($d=0,64$); Comunicação e CA ($d=0,73$), o que vem reforçar que as diferenças entre os grupos são significativas (Cohen, 1988; Espírito-Santo & Daniel, 2018).

Tabela 7: Médias na comparação entre a cotação estandardizada do TL-ALPE e as subescalas da FACES-IV (Coesão e Comunicação)

	Nível	n	Média	Desvio-Padrão	t	p
Cotação Estandarizada da EVO	COESÃO					
	Coesa	19	96,763	10,5861	2,599	0,011
	Muito Coesa	91	103,907	10,9575		
Cotação Estandarizada da CA	COESÃO					
	Coesa	19	99,632	12,8505	2,909	0,004
	Muito Coesa	91	107,484	10,2159		
Cotação Estandarizada da EVO	COMUNICAÇÃO					
	Muito Baixo + Baixo + Moderado	16	96,656	10,3967	2,378	0,019
	Alto + Muito Alto	94	103,697	11,0357		
Cotação Estandarizada da CA	COMUNICAÇÃO					
	Muito Baixo + Baixo + Moderado	16	99,438	11,3194	2,691	0,008
	Alto + Muito Alto	94	107,266	10,6631		

Procurou-se ainda analisar a existência (ou não) de diferenças entre grupos de crianças com pontuações de cotação estandardizada acima de 100 e abaixo de 100, para todos os domínios da FACES-IV. Observaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas para o domínio da rigidez, isto é, crianças com um funcionamento familiar mais rígido pontuam mais baixo na CA do que crianças com um funcionamento menos rígido ($t=2,308$; $p=0,023$) (Tabela 8). Foi calculado também o tamanho do efeito, tendo-se verificado um efeito moderado ($d=0,51$), o que, mais uma vez, reforça que as diferenças entre os grupos são significativas (Cohen, 1988; Espírito-Santo & Daniel, 2018).

Tabela 8: Médias na comparação entre a cotação estandardizada da Compreensão Auditiva do TL-ALPE e a subescala da FACES-IV (Rigidez)

	Cotação Estandarizada da CA	n	Média	Desvio-Padrão	t	p
Famílias Desequilibradas – Rigidez	Total CA Menor que 100	27	21,15	4,365	2,308	0,023
	Total CA Maior que 100	83	19,28	3,405		

Capítulo 5: Discussão

Com este estudo pretendeu-se analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar, em famílias nucleares tradicionais com dois filhos.

Começando por analisar alguns aspetos da caracterização sociodemográfica da família, salienta-se o facto de mais de 90% dos adultos que preencheram o questionário serem do género feminino, ou seja, ainda se verifica a dominância do papel da mãe na educação dos filhos.

Relvas (1996) refere que a parentalidade se organiza a partir da articulação entre o par conjugal transformado em parental (pai e mãe), contudo, tal como afirma Filipe (2013), este papel ainda não está totalmente definido, uma vez que continuam a existir muitos pais a delegar nas mães as tarefas relacionadas com a educação dos filhos. A figura materna foi sempre a mais presente e aquela a que as crianças associam quando se referem ao contexto educativo (Lins, Salomão, Lins, Féres-Carneiro, & Eberhardt, 2015; Melhuish et al., 2008; Vieira et al., 2014).

Quanto ao perfil da amostra, é possível verificar-se que a grande maioria das famílias pontua valores altos nas subescalas equilibradas e valores baixos nas subescalas desequilibradas, correspondendo à tipologia familiar equilibrada de Olson e Gorall (2006). Os níveis equilibrados são tendencialmente mais funcionais e saudáveis no decorrer do ciclo vital da família enquanto que os níveis desequilibrados tendem a ser mais disfuncionais (Neves, 2015). O mesmo pode ser evidenciado pelos valores de rácios obtidos no presente estudo, que indicam sistemas familiares equilibrados.

A ocupação laboral dos participantes é também um aspeto importante, sendo que mais de 90% da amostra apresentou ter um trabalho remunerado, o que pode igualmente ter alguma relação com o tipo de família equilibrado, dado que o fator económico se torna, muitas vezes, um estimulador da (d)estabilização e (des)equilíbrio da família. Vicente (1998) e Silva (2007) citam que um emprego não é necessariamente visto como um causador de stress e que o trabalho remunerado em conjunto com a vida familiar tem impactos positivos e negativos. Se por um lado leva a que haja menos tempo para a família, por outro lado, melhora o ambiente familiar e traz benefícios financeiros fundamentais.

Passando agora a analisar os resultados do TL-ALPE, obtiveram-se boas cotações ao nível da linguagem para as crianças avaliadas, sendo que todas se encontram dentro do desenvolvimento típico. Considerando que 65,5% dos adultos participantes têm como habilitações literárias o ensino superior, pode ajudar a compreender a homogeneidade da amostra, isto é, o facto de a grande maioria das famílias serem equilibradas e de as crianças participantes terem bons resultados no TL-ALPE pode estar também relacionado com a elevada escolaridade dos pais. Pereira (2018), citando Custódio e Cruz (2008), considera que os pais que têm habilitações literárias inferiores são mais suscetíveis a fatores de *stress*, podendo levar a um funcionamento familiar mais desequilibrado (Craddock, 2001; Custódio & Cruz, 2008; Pereira, 2018). Segundo Ruivo (2014), quanto mais elevadas são as habilitações literárias dos pais, maior a probabilidade de os seus descendentes terem melhores desempenhos ao nível da

aprendizagem. A grande maioria dos pais com ensino superior fornecem habitualmente mais apoio aos seus filhos nas atividades (Viana, 2016).

De acordo com Filipe (2013), o primeiro e mais forte fator que influencia o sucesso educacional da criança é o nível de escolaridade da mãe, dada a influência que a mesma tem no desenvolvimento e na educação dos filhos. Tal como foi referido anteriormente, no presente estudo, mais de 90% dos questionários foram respondidos pelas mães, mais de 65% dos respondentes têm habilitações superiores, o que poderá ajudar a explicar os bons resultados obtidos pelas crianças no TL-ALPE.

No presente estudo verificou-se também que, crianças com um funcionamento familiar mais coeso pontuam mais alto na EVO e na CA do que crianças com um funcionamento menos coeso, e ainda que, crianças com uma boa comunicação familiar pontuam mais alto na EVO e na CA do que crianças com uma comunicação familiar inferior.

Os níveis equilibrados de coesão são indicativos de um funcionamento familiar mais saudável, de acordo com o Modelo Circumplexo (Neves, 2015; Olson & Gorall, 2006). Segundo Olson (2000) e Rebelo (2008), no que diz respeito a famílias com uma maior coesão, os indivíduos são capazes de ser autónomos e tendem a ser mais funcionais no decorrer do ciclo de vida. De facto, verificou-se esta relação entre a coesão e a funcionalidade da criança, neste caso, ao nível especificamente da linguagem.

A comunicação é considerada uma dimensão facilitadora do equilíbrio familiar, uma vez que esta permite que se ajustem os níveis de coesão e de flexibilidade do funcionamento familiar (Neves, 2015; Olson, 2000, 2011; Olson & Gorall, 2003, 2006; Santos et al., 2017; Zalewska-Łunkiewicz et al., 2016). Rebelo (2008), mencionando Jurich, Polon, Jurich e Bates (1985), refere que se tem vindo a observar que as falhas na capacidade de comunicação entre os membros da família tornam-se um aspeto disfuncional para a criança. No presente estudo, observou-se que uma boa comunicação familiar se tornou num aspeto funcional para a criança, isto é, obteve melhores resultados na CA e na EVO.

Além disso, averiguou-se que crianças com um funcionamento familiar mais rígido pontuam mais baixo na CA do que crianças com um funcionamento menos rígido.

Um funcionamento familiar mais rígido implica que a grande maioria das decisões sejam impostas por um membro da família e que estas sejam imutáveis (Olson, 2000). Este funcionamento familiar parece levar a que a criança tenha níveis de CA mais baixos, o que pode significar que esta rigidez gera alguma ansiedade na criança e, por sua vez, limita a sua autonomia e capacidade de compreensão, uma vez que esta não é inserida na tomada de decisões. Os pais mais rígidos são autoritários e têm dificuldade em reconhecer o desenvolvimento e a autonomia dos seus filhos, o que acaba por limitar e não estimular as aprendizagens e as atividades iniciadas por eles, tornando-os sujeitos passivos (Teixeira, 2017).

Contudo, não se verificaram resultados com significado estatístico para mais nenhuma das restantes variáveis da FACES-IV em relação ao desenvolvimento da linguagem. Tais resultados podem ser devidos ao facto de a amostra ser maioritariamente equilibrada e funcional considerando os resultados obtidos na FACES-IV. Isto pode dever-se ao procedimento de

recolha de dados. O facto de as recolhas passarem a ser no formato *online* pode ter criado um viés no acesso à amostra, uma vez que esta ficou limitada a famílias com uma maior facilidade em aceder às tecnologias e, também, porque tendencialmente quem responde a este tipo de inquéritos *online* tende a estar mais motivado e a ser mais saudável (Purdie, Dunne, Boyle, Cook, & Najman, 2002).

Para além disso, verificou-se, no contexto do corrente estudo, que os valores de consistência interna para cada dimensão da FACES-IV não foram excelentes, à exceção da Comunicação e da Flexibilidade. Os restantes, embora aceitáveis, tiveram um alfa de 0,713, 0,652, 0,665, 0,680 e 0,669 e houve mesmo uma subescala com um alfa de 0,369, portanto, estes resultados são bastante questionáveis (Balbinotti & Barbosa, 2008). Tal como refere Souza et al. (2017), uma estimativa de consistência interna baixa pode querer dizer que os itens medem construtos diferentes ou que as respostas às questões do instrumento são incoerentes (Souza et al., 2017). Logo, estes valores de consistência interna podem ter contribuído para a falta de resultados estatisticamente significativos, uma vez que as respostas nem sempre terão sido coerentes. Por outro lado, poderá refletir que existe uma menor variabilidade nas respostas entre indivíduos de grupos diferentes (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Por último, pode mesmo não haver uma relação direta apenas entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem da criança, e existirem, portanto, outros fatores que moderam ou medeiam essa relação, nomeadamente, os estilos e práticas parentais, os rituais familiares, entre outros.

5.1. Limitações do Estudo

Apesar dos contributos do presente estudo, existem algumas limitações que merecem ser discutidas.

Em primeiro lugar, este trabalho foi realizado durante um período bastante atípico, em virtude da pandemia por Covid-19 provocada pelo novo Coronavírus SARS-Cov 2. Inicialmente planeou-se o estudo para que a recolha de dados acontecesse no interior das instituições e de forma presencial, mas rapidamente se percebeu que seria necessário reformular os procedimentos, até porque a grande maioria das instituições começou a recusar a entrada de pessoas externas como medida preventiva de contágio. Neste sentido, foi necessário adaptar os procedimentos de recolha de dados para o formato *online* e solicitar às instituições de várias zonas do país a mediação dos contactos com os pais. Este formato conduziu a uma maior dificuldade em aceder à amostra, uma vez que exigiu também uma maior disponibilidade e exposição por parte da família, isto é, realizando a videoconferência, os pais necessitaram de expor de certa forma o seu ambiente familiar e ainda confiar que a investigadora não iria fazer qualquer registo fotográfico ou videográfico sem o seu consentimento, sendo que nem todas as famílias estão dispostas a participar neste formato. Além disso, condicionou a amostra, no sentido de que apenas os pais com alguma familiaridade com as tecnologias, e geralmente com

escolaridade mais elevada, tinham capacidade para participar, podendo ter dificultado o acesso a famílias com diferentes tipos de funcionamento, considerando o Modelo Circumplexo.

Também a avaliação da linguagem no formato *online*, em comparação com as realizadas de forma presencial, foi mais morosa, dado que se tornava mais difícil manter a atenção da criança a um ecrã. Mais uma vez, foi necessário readaptar e, por diversas vezes, houve mesmo a necessidade de interromper a avaliação para apresentar elementos distrativos (por exemplo, vídeos, jogos...) ou até mesmo para reagendar a finalização da avaliação para outro dia, quando os pais apresentavam essa disponibilidade, para que os resultados fossem o mínimo possível enviesados pela capacidade de foco da criança. Por outro lado, a presença dos pais aquando da avaliação da criança tornou-se, em alguns casos, uma limitação, uma vez que houve momentos em que os pais tentaram auxiliar a criança nas respostas, o que enviesava o conhecimento e as verdadeiras competências da mesma.

Por último, é possível que o autopreenchimento *online* da escala FACES-IV, na plataforma *Google Forms*, possa ter levado a uma maior saturação e/ou desatenção por parte dos participantes.

5.2. Sugestões para Estudos Futuros

Remetendo agora para estudos futuros, seria proveitoso realizar as recolhas de uma forma presencial e, uma vez que a grande maioria da amostra deste estudo é constituída por famílias do tipo equilibrado, seria aliciante estudar as famílias desequilibradas/difíceis.

Além disso, pode ser interessante analisar outras variáveis que possam estar relacionadas com os resultados das crianças ao nível da linguagem, para além do funcionamento familiar, tais como: estilos parentais, ausência de irmãos ou famílias numerosas, nível económico da família, tempo que a família tem disponível para dedicar ao seu filho, região do país onde a criança/família reside, entre outros.

Capítulo 6: Considerações Finais

A família é um elemento fundamental no desenvolvimento da criança, nomeadamente no desenvolvimento da linguagem, sendo este o primeiro contacto que a criança tem para a aprendizagem (Silva, 2014). A família deve desempenhar um papel fundamental na formação do indivíduo (Filipe, 2013).

Este estudo teve como objetivo analisar o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem em crianças em idade pré-escolar, em famílias nucleares tradicionais com dois filhos.

A amostra deste estudo é constituída, na sua generalidade, por famílias equilibradas e por crianças que apresentaram bons resultados no TL-ALPE. O envolvimento dos pais na educação dos filhos tem apresentado um papel essencial no desenvolvimento global da criança, e especificamente, na área da linguagem (Reis, 2012).

O estudo permitiu então concluir que crianças com um funcionamento familiar mais coeso e com uma boa comunicação familiar pontuam mais alto na EVO e na CA, e ainda que, crianças com um funcionamento familiar mais rígido pontuam mais baixo na CA.

Os resultados mencionados sugerem alguma relação entre o funcionamento familiar e o desenvolvimento da linguagem, contudo, não se verificaram resultados com significado estatístico para mais nenhuma das restantes variáveis da FACES-IV em relação ao desenvolvimento da linguagem, o que pode estar relacionado com diversos fatores. Desta forma, pode concluir-se que são necessários mais estudos com famílias com diferentes tipos de funcionamento, incluindo as desequilibradas/disfuncionais, para analisar a extensão destes resultados. Além disso, é importante analisar o papel de outras variáveis que possam moderar a relação entre o funcionamento familiar e os resultados linguísticos das crianças.

Em suma, esta investigação destaca o papel do sistema familiar no desenvolvimento da linguagem da criança, sugerindo que um funcionamento familiar saudável e equilibrado pode ser um fator de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

- Agranonik, M., Hirakata, V. N., & Camey, S. A. (2010). *Introdução à Análise Estatística utilizando o SPSS 18.0*. Porto Alegre.
- Akbaryan, F. (2013). *Effect Size*. 310(6980), 672. <https://doi.org/10.1136/bmj.310.6980.672>
- Akhlaq, A., Malik, N. I., & Khan, N. A. (2013). Family Communication and Family System as the Predictors of Family Satisfaction in Adolescents. *Science Journal of Psychology*, 63(3), 130–136. <https://doi.org/10.7237/sjpsych/258>
- Araújo, A., & Gouveia, L. B. (2018). *Pressupostos sobre a pesquisa científica e os testes piloto* (Universidade Fernando Pessoa, Porto).
- Balbinotti, M. A. A., & Barbosa, M. L. L. (2008). Análise da consistência interna e fatorial confirmatório do IMPRAFE-126 com praticantes de atividades físicas gaúchos. *Psico-USF*, 13(1), 1–12. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712008000100002>
- Bastos, J. L. D., & Duquia, R. P. (2013). Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. *Scientia Medica*, 17(4), 229–232.
- Bergamaschi, D. P., Souza, J. M. P., & Menezes, R. M. T. (2016). *População, amostra, variável, coleta de dados, apuração de dados e apresentação tabular* (Faculdade de Saúde Pública da USP).
- Bishop, D. V. M., Snowling, M. J., Thompson, P. A., Greenhalgh, T., Adams, C., Archibald, L., ... Whitehouse, A. (2017). Phase 2 of CATALISE: a multinational and multidisciplinary Delphi consensus study of problems with language development: Terminology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 58(10), 1068–1080. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12721>
- Bloom, L., & Lahey, M. (2016). Language Development and Language Disorders. Em *Language* (Vol. 55). <https://doi.org/10.2307/412762>
- Borges, I. C. N. (2010). *Qualidade da Parentalidade e Bem-Estar da Criança* (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/15564>
- Caníço, H. P. (2014). *Os Novos Tipos de Família e Novo Método de Avaliação em Saúde da Pessoa - APGAR Saudável* (Universidade de Coimbra). Obtido de <http://hdl.handle.net/10316/25995>
- Carnut, L., & Faquim, J. P. S. (2014). Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care | ISSN 2179-6750*, 5(1), 62–70.

<https://doi.org/10.14295/jmphc.v5i1.198>

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Em *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (pp. 7–29). Obtido de http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_34_ww.pdf
- Carvalho, J. L. de, Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica*, 36(1), 61–73. <https://doi.org/10.14417/ap.1354>
- Charrua, C. P. (2015). *Aquisição Fonética-Fonológica do Português Europeu dos 18 aos 36 meses* (Vol. 3). Obtido de <http://repositorio.unan.edu.ni/2986/1/5624.pdf>
- Chomsky, N. (2006). *Language and Mind* (3.^a ed.). New York: Cambridge University Press.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2.^a ed.). New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Craddock, A. E. (2001). Family System and Family Functioning: Circumplex Model and FACES IV. *Journal of Family Studies*, 7(1), 29–39. <https://doi.org/10.5172/jfs.7.1.29>
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As Representações Mentais das Crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393–405. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400002>
- Ellis, P. D. (2010). *The Essential Guide to Effect Sizes: Statistical Power, Meta-Analysis, and the Interpretation of Research Results*. New York: Cambridge University Press.
- Espirito-Santo, H. M. A., & Daniel, F. (2018). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (3): Guia para reportar os tamanhos do efeito para análises de regressão e ANOVAs. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 4(1), 43–60. <https://doi.org/10.31211/rpics.2018.4.1.72>
- Faco, V. M. G., & Melchiori, L. E. (2009). Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. Em *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções* (p. 222). São Paulo: Editora UNESP.
- Ferreira, P. L. (2005). *Estatística Descritiva e Inferencial* (Universidade de Coimbra). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9961/1/AP200501.pdf>
- Filipe, P. D. L. (2013). *Envolvimento Parental: O Papel do Pai na Educação dos Filhos* (Instituto Politécnico de Coimbra).
- Fortin, M.-F. (2000). *O Processo de Investigação: da concepção à realização* (Lusociência). Montreal: Décarie Éditeur.

- Freitag, R. M. K. (2018). Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista De Estudos Da Linguagem*, 26(2), 667–686. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686>
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect Size Estimates: Current Use, Calculations, and Interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(1), 2–18. <https://doi.org/10.1037/a0024338>
- Hendricks, M., Erasmus, C. J., & Roman, N. V. (2015). *Familial Needs: Comparing traditional and non-traditional families of public officials*. 10(1).
- Lins, Z. M. B., Salomão, N. M. R., Lins, S. L. B., Féres-Carneiro, T., & Eberhardt, A. C. (2015). O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 16(1), 43–59.
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (7.ª ed.)*. Report Numbers: Análise e Gestão de Informação, Lda.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
- Marques, M. A. N. (2016). *O Desenvolvimento da Linguagem Oral no Pré-Escolar: A leitura de histórias como estímulo para o aumento do vocabulário em crianças de cinco anos* (Instituto Superior de Educação e Ciências). Obtido de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20599/1/Marisa Marques.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20599/1/Marisa%20Marques.pdf)
- McDaniel, S. H., Campbell, T. L., & Seaburn, D. B. (2003). *Family-Oriented Primary Care: A Manual for Medical Providers (2.ª ed.)*. New York: Springer-Verlag.
- McGoldrick, M., Preto, N. G., & Carter, B. (2016). *The Expanding Family Life Cycle: Individual, Family, and Social Perspectives (5.ª ed., Vol. 6)*. <https://doi.org/10.5840/enviroethics19846119>
- Melhuish, E. C., Phan, M. B., Sylva, K., Sammons, P., Siraj-Blatchford, I., & Taggart, B. (2008). Effects of the Home Learning Environment and Preschool Center Experience upon Literacy and Numeracy Development in Early Primary School. *Journal of Social Issues*, 64(1), 95–114. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/227536016>
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., & Andrade, F. (2013). *Teste Fonético-Fonológico - Avaliação de Linguagem Pré-Escolar* (Edubox S.A). Aveiro.
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., & Andrade, F. (2014). *Teste de Linguagem – Avaliação de Linguagem Pré-Escolar* (Edubox S.A). Aveiro.
- Moreno, L. Z., & Morcillo, A. M. (2019). *Comparação de duas Médias: Teste t de Student*.

<https://doi.org/10.13140/RG.2.2.30657.51045>

- Mousinho, R., Schmid, E., Pereira, J., Lyra, L., Mendes, L., & Nóbrega, V. (2008). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista de Psicopedagogia*, 25(78), 297–306.
- Neves, S. C. S. (2015). *Funcionamento familiar e autoconceito do adolescente: Percepção de pais e filhos* (Instituto Superior Miguel Torga).
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Encyclopedia of Health Communication*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.4135/9781483346427.n378>
- Olson, D. H. (2010). *Faces IV Manual*. Minneapolis: Life Innovations.
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64–80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). *Circumplex Model of Marital and Family Systems*. New York: Guilford Press.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. *Life Innovations*. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Owens, R. E. (2012). Language Development: An Introduction. Em *Topics in Language Disorders* (8.^a ed., Vol. 11). St. Rose: Pearson Education. <https://doi.org/10.1097/00011363-199011000-00012>
- Papalia, D. E., Feldman, R. D., & Olds, S. W. (2001). *O Mundo da Criança* (8.^a ed.). Lisboa: McGraw-Hil.
- Pereira, A. S. M. M. (2018). *Percepção do Funcionamento Familiar, Suporte Social e Autoconceito: Estudo com Adolescentes e suas Famílias* (Instituto Superior Miguel Torga).
- Piccinini, C. A., Pereira, C. R. R., Marin, A. H., Lopes, R. de C. S., & Tudge, J. (2007). O Nascimento do Segundo Filho e as Relações Familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 253–261. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722007000300003>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico* (2.^a ed.). <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Purdie, D. M., Dunne, M. P., Boyle, F. M., Cook, M. D., & Najman, J. M. (2002). Health and demographic characteristics of respondents in an Australian national sexuality survey: Comparison with population norms. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56(10), 748–753. <https://doi.org/10.1136/jech.56.10.748>

- Puyuelo, M., & Rondal, J.-A. (2007). *Manual de Desenvolvimento e Alterações da Linguagem na Criança e no Adulto* (1.ª ed.). Brasil: Artmed Editora.
- Rebelo, J. M. C. (2008). *Relações Familiares E Toxicodependência* (Universidade de Coimbra).
- Reis, V. A. dos S. (2012). *O envolvimento da família na educação de crianças com necessidades educativas especiais* (Escola Superior de Educação João de Deus de Lisboa).
- Relvas, A. P. (1997). O Ciclo Vital da Família. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 53(1).
- Relvas, A. P. (2000). *Por detrás do espelho: da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família* (2.ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde* (2.ª ed.). Lisboa: Placedo Editora.
- Rigolet, S. A. (2000). *Os Três P - Precoce, Progressivo, Positivo* (5.ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Rombert, J. (2015). *O Gato Comeu-te a Língua?* (2.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Ruivo, M. S. A. M. (2014). *Envolvimento Parental na Escolaridade dos Filhos: Emoções e qualidade percebidas por alunos de 2º e 3º ciclo* (ISPA - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida).
- Salsinha, H. (2011). Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Vocacional de Crianças e Adolescentes. *O Portal dos Psicólogos*. Obtido de www.psicologia.pt
- Santos, P. L. dos, Bazon, M. R., & Carvalho, A. M. P. (2017). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES IV). *Avaliacao Psicologica*, 16(2), 120–127. <https://doi.org/10.15689/AP.2017.1602.01>
- Scaglia, A. P., Mishima-Gomes, F. K. T., & Barbieri, V. (2018). Paternidade em Diferentes Configurações Familiares e o Desenvolvimento Emocional da Filha. *Psico-USF*, 23(2), 267–278. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230207>
- Scopel, R. R., Souza, V. C., & Lemos, S. M. A. (2012). A Influência do Ambiente Familiar e Escolar na Aquisição e no Desenvolvimento da Linguagem: Revisão de Literatura. *Revista CEFAC*, 14(4), 732–741. <https://doi.org/10.1590/s1516-18462011005000139>
- Silva, M. M. C. (2007). *Vida Profissional e Familiar: Padrões de Conflito e Facilitação na Gestão de Múltiplos Papéis* (Universidade do Porto).
- Silva, S. S. C. D. (2014). *Aquisição da linguagem em função do contexto. Uma análise contrastiva: creche e família* (Universidade do Minho).

- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2017). Aquisição da linguagem: Um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento. Em *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 3–31). <https://doi.org/10.5281/ZENODO.889261>
- Soares, B., & Colossi, P. M. (2016). Transições no ciclo de vida familiar: A perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. *Barbarói*, (48), 253–276. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.6942>
- Souza, A. C., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde: Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil*, 26(3), 649–659. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>
- Teixeira, R. A. B. (2017). *Padrões de Relação Familiar e Padrões de Consumo de Álcool no Concelho de Angra do Heroísmo* (Universidade de Évora). Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/21094>
- Tomczak, M., & Tomczak, E. (2014). The need to report effect size estimates revisited. An overview of some recommended measures of effect size. *Trends in Sport Sciences*, 1(21), 19–25. Obtido de <https://www.researchgate.net/publication/303919832>
- Ugoni, A., & Walker, B. F. (1995). The t Test: An Introduction. *Cosming Review*, 4(2), 37–40. Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2050377/pdf/cr042-037b.pdf>
- Varão, C., Batista, C., & Martinho, V. (2006). *Métodos de Amostragem* (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).
- Viana, C. (2016). Escolaridade dos pais é motor de desigualdades na escola. *Público*.
- Vicente, A. (1998). *As mulheres em Portugal na transição do milénio: valores, vivências, podres nas relações sociais entre os dois sexos*. Lisboa: Multinova.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36–52.
- Zalewska-Łunkiewicz, K., Józefacka-Szram, N. M., Biskupek, L., Gryl, Ł., Sikora, M., & Suchowska, S. (2016). Cohesion, flexibility, communication and socioeconomic status of families and cognitive development in preschool and early school-age children. *Psychiatr Psychol Klin*, 16(4), 246–255. <https://doi.org/10.15557/PiPK.2016.0033>

Apêndices

Apêndice 1 – Declaração entregue às Instituições



Declaração

Declara-se, para os devidos efeitos, que a Instituição Particular de Solidariedade Social XXXXXXXXX, sediada na cidade de XXXXXXXXX, distrito de XXXXXXXXX, autoriza a realização do estudo de investigação intitulado “Funcionamento Familiar e Desenvolvimento da Linguagem em Crianças em Idade Pré-Escolar”, mediante parecer positivo do representante legal de cada criança.

Este estudo será conduzido pela Terapeuta da Fala Rosália Cristiana Gonçalves da Rocha, sob a orientação da Doutora Daniela Figueiredo e coorientação da Doutora Marisa Lousada, no âmbito do Mestrado em Terapia da Fala da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro.

Nesta fase do estudo, pretende-se recolher os dados através da entrega do Questionário Sociodemográfico e da Versão Portuguesa da FACES IV à família, bem como da avaliação da linguagem das crianças que preencham os critérios definidos com o Teste de Linguagem – Avaliação da Linguagem Pré-escolar.

O Responsável

XXXXXXXXX, ____ de _____ de 2020

Anexos

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: Funcionamento Familiar e Desenvolvimento da Linguagem em Crianças em Idade Pré-Escolar

Investigadores responsáveis: Daniela Figueiredo e Marisa Lousada

Por favor leia e assinale com uma cruz (X) os quadrados seguintes.

1. Eu confirmo que percebi a informação que me foi dada e tive a oportunidade de questionar e de me esclarecer.

2. Eu percebo que a minha participação e a do meu filho/a é voluntária e que somos livres de desistir, em qualquer altura, sem dar qualquer explicação, sem que isso afete qualquer serviço que nos é prestado.

3. Eu compreendo que os dados recolhidos durante a investigação são confidenciais e que só os investigadores do projeto a eles têm acesso. Portanto, dou autorização para que os mesmos tenham acesso a esses dados.

4. Eu compreendo que os resultados do estudo podem ser comunicados em Congressos Científicos, publicados em Revistas Científicas e usados noutras investigações (p.e., dissertações de mestrado ou teses de doutoramento), sem que haja qualquer quebra de confidencialidade. Portanto, dou autorização para a utilização dos dados para esses fins.

5. Eu concordo então em participar no estudo.

6. Eu dou autorização para que o meu filho participe no estudo

Nome do participante

Data

Assinatura

Nome do Investigador

Data

Assinatura

Anexo 2 – Tabelas de Cotação da FACES-IV

Figura 1: Gráfico de Conversão de Percentil - Escalas Equilibradas

Percentile Conversion Chart – Balanced Scales					
A. COHESION Raw Score	COHESION Percentile Score	COHESION Level	B. FLEXIBILITY Raw Score	FLEXIBILITY Percentile Score	FLEXIBILITY Level
7	16	Somewhat Connected	7	16	Somewhat Flexible
8	18	Somewhat Connected	8	18	Somewhat Flexible
9	20	Somewhat Connected	9	20	Somewhat Flexible
10	22	Somewhat Connected	10	22	Somewhat Flexible
11	24	Somewhat Connected	11	24	Somewhat Flexible
12	25	Somewhat Connected	12	25	Somewhat Flexible
13	26	Somewhat Connected	13	26	Somewhat Flexible
14	27	Somewhat Connected	14	27	Somewhat Flexible
15	28	Somewhat Connected	15	28	Somewhat Flexible
16	30	Somewhat Connected	16	30	Somewhat Flexible
17	32	Somewhat Connected	17	32	Somewhat Flexible
18	35	Somewhat Connected	18	35	Somewhat Flexible
19	36	Connected	19	36	Flexible
20	38	Connected	20	38	Flexible
21	40	Connected	21	40	Flexible
22	45	Connected	22	45	Flexible
23	50	Connected	23	50	Flexible
24	55	Connected	24	55	Flexible
25	58	Connected	25	58	Flexible
26	60	Connected	26	60	Flexible
27	62	Connected	27	62	Flexible
28	65	Connected	28	65	Flexible
29	68	Very Connected	29	68	Very Flexible
30	70	Very Connected	30	70	Very Flexible
31	75	Very Connected	31	75	Very Flexible
32	80	Very Connected	32	80	Very Flexible
33	82	Very Connected	33	82	Very Flexible
34	84	Very Connected	34	84	Very Flexible
35	85	Very Connected	35	85	Very Flexible

Figura 2: Gráfico de Conversão de Percentil - Escalas Desequilibradas

Percentile Conversion Chart – Unbalanced Scales					
Unbalanced Raw Scores	C. DISENGAGED Percentile Score	D. ENMESHED Percentile Score	E. RIGID Percentile Score	F. CHAOTIC Percentile Score	Unbalanced Levels
7	10	10	10	10	Very Low
8	12	12	12	12	Very Low
9	13	13	13	13	Very Low
10	14	14	14	14	Very Low
11	15	15	15	15	Very Low
12	16	16	16	16	Very Low
13	18	18	18	18	Very Low
14	20	20	20	20	Very Low
15	24	24	24	24	Very Low
16	26	26	26	26	Very Low
17	30	30	30	30	Low
18	32	32	32	32	Low
19	34	34	34	34	Low
20	36	36	36	36	Low
21	40	40	40	40	Low
22	45	45	45	45	Moderate
23	50	50	50	50	Moderate
24	55	55	55	55	Moderate
25	60	60	60	60	Moderate
26	64	64	64	64	High
27	68	68	68	68	High
28	70	70	70	70	High
29	75	75	75	75	High
30	80	80	80	80	Very High
31	85	85	85	85	Very High
32	90	90	90	90	Very High
33	95	95	95	95	Very High
34	98	98	98	98	Very High
35	99	99	99	99	Very High

Figura 3: Comunicação Familiar – Interpretação das Pontuações

Percentage and Levels	Family Communication	Family Communication	
		Raw Score	Percentile
Very High 86-99%	Family members feel very positive about the quality and quantity of their family communication.	50	99
		49	97
		48	96
		47	94
		46	90
		45	88
High 61-85%	Family members feel good about their family communication and have few concerns.	44	86
		43	83
		42	80
		41	74
		40	70
		39	65
Moderate 36-60%	Family members feel generally good about their family communication, but have some concerns.	38	62
		37	58
		36	50
		35	44
		34	40
Low 21-35%	Family members have several concerns about the quality of their family communication.	33	36
		32	32
		31	28
		30	24
Very Low 10-20%	Family members have many concerns about the quality of their family communication.	29	21
		28	18
		27	15
		26	14
		25	13
		24	12
		10-23	10

Figura 4: Satisfação Familiar – Interpretação das Pontuações

Percentage and Levels	Family Satisfaction	Family Satisfaction	
		Raw Score	Percentile
Very High 86-99%	Family members are very satisfied and really enjoy most aspects of their family.	50	99
		49	98
		48	97
		47	94
		46	92
		45	87
High 61-85%	Family members are satisfied with most aspects of their family.	44	84
		43	79
		42	75
		41	71
		40	66
Moderate 36-60%	Family members are somewhat satisfied and enjoy some aspects of their family.	39	58
		38	51
		37	45
		36	40
Low 21-35%	Family members are somewhat dissatisfied and have some concerns about their family.	35	35
		34	30
		33	28
		32	25
		31	23
		30	21
Very Low 10-20%	Family members are very dissatisfied and are concerned about their family.	29	18
		28	15
		27	13
		26	12
		10-25	10